



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

HERICA MARIA CASTRO DOS SANTOS

O ENSINO DE LITERATURA EM BOA VISTA – RORAIMA
“APRENDIZAGEM LITERÁRIA NAS ESCOLAS DE ENSINO
MÉDIO”

Boa Vista - RR
Fevereiro/2012

HERICA MARIA CASTRO DOS SANTOS

**O ENSINO DE LITERATURA EM BOA VISTA – RORAIMA
“APRENDIZAGEM LITERÁRIA NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO”**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Roraima para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem e Cultura Regional.

Orientação: Prof.Dr. Roberto Mibielli.

Boa Vista-RR
Fevereiro/2012

FOLHA DE APROVAÇÃO

Herica Maria Castro dos Santos

O ENSINO DE LITERATURA EM BOA VISTA-RORAIMA “APRENDIZAGEM LITERÁRIA NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO”

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Roraima para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem e Cultura Regional.

Aprovado em ____/____/____

Prof. Dr. Roberto Mibielli

Prof. Dra. Maria Helena Valentin Duca Oyama

Prof. Dr. José Luís Jobim

Dedico este trabalho ao meu lindo filho que, com seu incondicional amor perdoou todas as minhas ausências, todas as noites que não pude colocá-lo na cama, todas as vezes que ao falar comigo enquanto estava no computador, por diversas vezes nem o escutava, mas era recompensador ver seu lindo sorriso, seu amor me energizava, me dava uma injeção de ânimo para continuar.

À minha querida e amorosa mãe que sempre esteve ao meu lado, quando sempre precisei esteve ali presente me dando colo, me abraçando e me acalmando nas noites em que a síndrome do pânico vinha me incomodar nas raras horas de sono que tinha durante as madrugadas.

Aos meus irmãos, que mesmo sem dizer uma palavra torciam pela minha vitória.

Ao meu pai, que mesmo de longe, sempre que nos falávamos ele espunha sua preocupação comigo, mas sempre lembrava do seu orgulho por mim, meu amor também a você, meu querido pai.

Ao meu pai posticho que sempre me incentivou e viu muitas lágrimas que a vida me fez derramar, ao querido Carlos Alberto, obrigada por sua dedicação.

Ao meu querido Perciano, que apareceu tão repentinamente, mas no momento certo, seu carinho, seu amor, sua compreensão, me trouxeram alívio nos dias de angústia. Por todas as vezes que você me dava ânimo quando me sentia incapaz, obrigada, minha vida, por toda sua dedicação. A você, todo o meu amor.

A todos, por sua resignação e compreensão, dedico todo meu amor.

Agradeço a Deus, a Ele, toda honra e toda a glória, para todo o sempre, este trabalho é fruto das bênçãos que Deus tem derramado na minha vida, obrigada meu Senhor, por sua fidelidade, minha vitória e meu coração são para Ti, Senhor.

Ao CNPQ pelo financiamento do Projeto de Pesquisa - Literatura e Ensino em Roraima: O Cânone e a invenção escolar da Amazônia, na qual este trabalho esta inserido.

Ao Professor Roberto Mibielli que ao longo destes dois anos me ensinou a conhecer caminhos nunca antes percorridos por mim, obrigada por me auxiliar neste início da caminhada como pesquisadora.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Letras, pela dedicação e ensinamentos.

Aos Professores que aceitaram fazer parte deste trabalho, por sua gentileza em fornecer dados para esta pesquisa.

Às companheiras de estudos Silvia, Sheila e Carmem que muito contribuíram para este trabalho.

A todos os meus alunos que, me deram muitas lições de sabedoria e de vida.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

“As obras rompem fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na grande temporalidade, e, assim, não é raro que essa vida (o que sempre sucede com uma grande obra) seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade.”

Mikhail Bakhtin.

RESUMO

Os diversos sistemas de avaliação nacionais como ENEM, SAEB, dentre outros, vêm demonstrando ao longo dos anos um quadro triste da educação brasileira, o fracasso dos estudantes do país em ler e interpretar os diversos tipos de textos. No que tange ao Ensino Médio, o quadro é ainda mais desesperador tamanha a deficiência que os estudantes apresentam ao se deparar com diversos estudos literários. Fica evidente que a grande parcela dos alunos não tem apreendido os conhecimentos necessários para um entendimento, no mínimo razoável, de compreensão literária. Tudo isso demonstra a incompetência da escola em formar leitores com habilidades complexas de leitura, como a análise, a comparação e a interpretação. A escola tem deixado de incentivar a leitura dos alunos, “hábito de leitura” é uma frase que não aparece no contexto diário dos adolescentes de Ensino Médio. Esta pesquisa enfocou principalmente o papel do maior estimulador que temos na escola, o professor. Devido ao enfoque desta pesquisa, foram visitadas 21 escolas de Ensino Médio regular, com mais de 80 professores lotados nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura. A distância entre as diversas escolas, tanto as centrais quanto as periféricas, demandou muitos dias de idas e vindas nos mais longínquos bairros em busca de professores que se dispusessem a responder o questionário da pesquisa, que tinha como objetivo investigar o ensino de literatura. Inicialmente apresento um estudo teórico sobre o ensino de Literatura, descrevendo as concepções do ensino e um breve retrospecto histórico, na seqüência descrevo o que os documentos balizadores do ensino de literatura regem nos últimos anos, e ao final relato os dados coletados no questionário entregue aos professores e aponto as possíveis soluções indicadas pelos próprios educadores.

Palavras-Chave: Ensino de Literatura. Ensino Médio. Estudos Literários. Formação de leitores.

ABSTRACT

The several national evaluation systems like ENEM, SAEB, among others, are demonstrating, along the years, a sad picture of the Brazilian education, the students' of the country failure in to read and to interpret the several types of texts. With respect to the Medium Teaching, the picture is still more desperate, such the deficiency that the students present in front of the several literary studies. It is evident that a great portion of the students has not been learning the necessary knowledge for an understanding, at reasonable least, of literary understanding. This fact demonstrates the incompetence of the school in forming readers with complex abilities of reading, as the analysis, the comparison and the interpretation. The school has been stopping motivating the students' reading, "the reading habit" is a sentence that doesn't appear in the adolescents' of Medium Teaching daily context. This research focused mainly the paper of the largest stimulator that we have at the school: the teacher. To assist to the objective of the research 21 schools of Medium Teaching were visited to regulate, with more than 80 teachers in the disciplines Portuguese Language and Literature. The distance among the several schools, as much the central ones as the outlying ones demanded many days of departures and arrivals in the most distant neighborhoods in search of teachers that they were disposed to answer the questionnaire of the research, that it had as objective to investigate the teaching of Literature. Initially I present a theoretical study on the teaching of the Literature, describing the conceptions of the teaching and a brief historical retrospective look. In the sequence I describe what the documents of the teaching of Literature governs in the last years and, at the end, I present the collected data and I point possible suitable solutions for the own teachers.

Key Words: Teaching of Literature. Medium teaching. Literary studies. Formation of Readers.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFRR – Universidade Federal de Roraima

L – Literatura

LP – Língua Portuguesa

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

RI – Revolução Industrial

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

BP – Biblioteca Pública

P - Professor

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Quantidade de professores	51
Tabela 2:	Pós-Graduação.....	51
Tabela 3:	Município que reside.....	52
Tabela 4:	Atua no mesmo município que mora.....	52
Tabela 5:	Atua na sua área de formação.....	53
Tabela 6:	Tempo de regência em língua Portuguesa/Literatura.....	53
Tabela 7:	Você tem o hábito/gosta de Ler? Com qual freqüência.....	55
Tabela 8:	Você prefere dar aula de Língua Portuguesa/Literatura ou outra disciplina.....	56
Tabela 9:	Que tipo de leitura você gosta.....	57
Tabela 10:	Qual o autor de sua preferência?.....	58
Tabela 11:	Dentre os nacionais, qual de sua preferência?.....	59
Tabela 12:	O que você considera um bom livro?.....	60
Tabela 13:	Você lê por prazer ou por obrigação?.....	61
Tabela 14:	Você se identifica com textos literários? Quais são eles?.....	66
Tabela 15:	O que ou quem o incentiva a ler?.....	67
Tabela 16:	Possui livros em casa? (em caso afirmativo, quantos, mais ou menos).....	68
Tabela 17:	Costuma comprar livros? Com que critério de freqüência?.....	69
Tabela 18:	A faixa/condição salarial permite a aquisição de livros na quantidade ideal para as suas necessidades anuais?.....	70
Tabela 19:	Costuma comprar livros?	71
Tabela 20:	Onde consegue/adquire os livros que lê?.....	72
Tabela 21:	Onde consegue/adquire os livros que utiliza em suas aulas?.....	73
Tabela 22:	Há Bibliotecas Públicas na sua cidade? Quais são?.....	74
Tabela 23:	Costuma frequentá-las? Para fins pessoais ou profissionais? em que ocasiões/situações?.....	75
Tabela 24:	Quanto a biblioteca da escola.....	76
Tabela 25:	Sobre o gosto pela leitura dos alunos.....	78
Tabela 26:	Você utiliza algum tipo de técnica/metodologia alternativa no ensino de Literatura? Qual? (Descreva-a, por favor).....	80

Tabela 27:	Como você propõe a leitura de textos mais extensos (Romances, Novelas, Épicos e Peças Teatrais).....	81
Tabela 28:	Sobre a utilização do livro didático.....	82
Tabela 29:	Tem preferência por trabalhar alguma época/período Literário em Sala de aula? Qual?.....	83
Tabela 30	As propostas dos professores para melhoria do Ensino de Literatura	85

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: A funcionalidade dos discursos segundo os parâmetros.....	43
-----------------------------------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A LEITURA, A LITERATURA, A ESCOLA E O PROFESSOR	16
1.1 Formação do Leitor e Escola.....	18
1.2 A Leitura e sua função social.....	23
1.3 O que os jovens leem.....	28
1.4 O papel do Professor de Língua Portuguesa e Literatura.....	32
2 PANORAMA HISTÓRICO DO ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL	36
2.1 Um Breve histórico do ensino de Literatura.....	36
2.2 O Ensino de Literatura no Ensino Médio.....	38
2.3 Os documentos balizadores do ensino na esfera nacional.....	40
3 DISCUTINDO OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
3.1 Tipo de Pesquisa.....	48
3.2 Local, população e amostragem.....	49
3.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados.....	50
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AS PRÁTICAS DE ENSINO DE LITERATURA EM BOA VISTA-RR	51
4.1 Traçando o perfil dos professores.....	51
4.2 O Professor: as preferências literárias e o livro ideal.....	55
4.3 A Biblioteca e o Professor.....	65
4.4 O aluno na visão do Professor.....	78
4.5 Métodos de trabalho do Professor.....	80
4.6 O olhar do Professor sobre o Livro Didático.....	82
4.7 Propostas e desejos dos Professores para Ensinar Literatura.....	85
CONSIDERAÇÕES	88
REFERÊNCIAS	93
ANEXOS	95

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo investigar o ensino de literatura praticado nas escolas de Ensino Médio da cidade de Boa Vista, em Roraima, no tocante ao trabalho realizado pelos professores de Língua Portuguesa e Literatura.

O interesse pela abordagem temática surgiu na universidade, por ter essa autora participado como aluna no Curso de Especialização em Alfabetização oferecido pela Universidade Federal de Roraima, onde foram desenvolvidas diversas leituras voltadas para este tema.

Foi minha prática como educadora e formadora de professores dos Cursos de Licenciaturas desta mesma universidade, inclusive para acadêmicos do Curso de Letras, com quem, de forma constante, apresentava este debate em minhas aulas, sendo este tema também um questionamento dos próprios acadêmicos (futuros professores).

Diante disso, estando efetivamente como aluna no curso de Mestrado em Letras e fazendo parte da equipe de Pesquisa do Projeto aprovado e financiado pelo CNPq - Literatura e Ensino em Roraima: O Cânone e a invenção escolar da Amazônia – que visa pesquisar sobre a leitura literária escolar no Estado de Roraima, trago como referência diversas informações importantes coletadas ao longo destes meses, mostrando a realidade da sala de aula dos educadores de Boa Vista – Roraima.

Como ponto crucial, enumero, a seguir, as questões que originaram a pesquisa, que persistiram ao longo dela, e que subjazem no âmago da dissertação aqui empreendida.

Como se dá o ensino de Literatura do ponto de vista do processo ensino aprendizagem oferecido pelos professores de Língua Portuguesa e/ou Literatura?

Que tipo literatura está acessível aos alunos nas escolas e quais seus interesses literários nas três séries do Ensino Médio?

Verificar como se desenvolve o processo ensino aprendizagem da Literatura nas turmas de Ensino médio regular nas escolas do Município de Boa Vista – Roraima não foi tarefa fácil, tendo em vista os diversos percalços enfrentados ao longo dos meses. Um fator preponderante, sem dúvida, foi a paralisação das aulas na rede estadual de ensino por causa das fortes chuvas e alagamentos, fator ímpar, pois há muito não se via tamanha tragédia em nosso Estado.

Após estas questões, cumpre-me tratar do objeto de estudo neste trabalho, esta pesquisa buscou levantar informações sobre o ensino de Literatura praticado nas salas de aulas das escolas de Ensino Médio da capital roraimense, e que os dados aqui apresentados sirvam de referência para futuras pesquisas no campo literário em Boa Vista – Roraima.

Averigui se os professores têm contato com textos literários, que tipos de textos literários e, principalmente, os textos pertinentes ao ensino de Literatura no Ensino Médio. Outro fator pesquisado refere-se à existência da prática leitora dos professores que trabalham com a disciplina em questão, se estimulam e como estimulam o contato de seus alunos com a Literatura, e como fazem uso das bibliotecas de que dispõe a capital roraimense. Questionei sobre o que os professores consideram primordial para desenvolver o ensino de Literatura no Ensino Médio.

Este trabalho apresenta-se dividido em 4 capítulos. O Capítulo I apresenta um pequeno panorama do ensino da Literatura, pontuando a função social da leitura, o perfil do leitor jovem na contemporaneidade, assim como explicita o papel do professor de Língua Portuguesa e Literatura.

O Capítulo II foca um o panorama histórico do ensino de literatura no Brasil, a perspectiva histórica no ensino médio, além de apresentar as diretrizes balizadoras do ensino de literatura no ensino médio no âmbito nacional.

O Capítulo III apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, assim como o tipo de pesquisa realizada, local, população e amostragem, e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

O Capítulo IV apresenta a análise e discussão dos resultados da pesquisa apresentando o perfil dos professores, suas preferências literárias, o que consideram como livro ideal. Ainda, a relação do professor com a biblioteca, a visão do professor sobre o aluno de Ensino Médio, o olhar dos professores sobre o livro didático e também os métodos utilizados pelos pesquisados. Ao final do capítulo apresento as propostas e desejos apontados pelos professores para ensinar literatura.

1 A LEITURA, A LITERATURA, A ESCOLA E O PROFESSOR

Já há algum tempo está se discutindo sobre o modo como o ensino de Literatura vem acontecendo nas escolas, muitas discussões estão relacionadas ao papel do professor, à formação do sujeito leitor, aos conteúdos específicos da disciplina de Literatura. É importante ressaltar que a escola é uma grande dinamizadora e incentivadora do processo de desenvolvimento dos sujeitos leitores, por isso os estudos realizados na área do ensino de Literatura têm um foco voltado para o desempenho do professor e suas práticas. Desse modo, reflete Leite (2002, p. 8):

O ensino de literatura se limita, na maior parte das vezes, a traçar panoramas de tendências e escolas literárias, de modo esquemático e desconectado do trabalho analítico e interpretativo. O ensino da língua e da literatura se apresenta também de forma inteiramente separada e, se no ensino fundamental, quem conduz alunos e professores é o livro didático, no médio são as apostilas que nada mais são do que compilações de vários deles.

Para a formação de sujeitos leitores os professores devem conduzir o processo, por isso é importante uma boa formação acadêmica. O que se encontra em sala de aula é exatamente o cenário apontado pela autora acima, o que se trabalha com alunos são as escolas literárias, os tempos históricos, e diversas vezes não praticando atividades que estimulem os jovens a desenvolver seu senso crítico, analítico. Conforme apontam os PCNEM (BRASIL, 1999, p.125) “quem decide o que fazer com o texto literário em sala, não é mais o professor, mas as editoras, os autores de livros didáticos, monopolizadores do mercado escolar”.

Diversos são os estudos científicos a respeito da leitura, o Instituto Pró Livro aponta que o acesso à leitura no Brasil tem aumentado consideravelmente, e isso é bom para a população, segundo pesquisa realizada em 2007, o brasileiro tem lido mais, foi considerável o crescimento do índice de leitura da população. Outra surpresa importante apresentada pelo instituto foi o gênero mais lido pela população, a poesia, que chegou a superar os livros de cunho religioso, chegando a ser o primeiro em alguns estados.

Esses dados mostram que realmente o hábito de leitura da população tem melhorado, mas sabe-se que isso é um esforço de todos, de editores, ilustradores, escritores, governos, estados, municípios, mas um fator primordial e que é alvo desta pesquisa sem dúvida é o papel do professor.

Na pesquisa realizada pelo instituto Pró-livro, quando as pessoas eram questionadas sobre quem influenciava suas leituras, os entrevistados sempre respondiam que recebiam alguma “dica de leitura”, e entre as pessoas que davam essa dica, eram os professores os mais lembrados. Segundo Maria Antonieta da Cunha, que realizou as análises da pesquisa:

[...] na pergunta sobre quem mais influenciou o entrevistado no seu gosto pela leitura, a resposta “ninguém” vem sendo cada vez menos acionada pelos mais jovens: de 34% entre os mais velhos, a opção vai decrescendo até os mais novos, para os quais ela chega a apenas 5%. E, pelo menos na memória dos entrevistados, os professores atualmente lêem mais para seus alunos (2007, p.17).

Esses dados demonstram o papel do professor neste processo de ensino da Literatura, mas sabe-se que aproximar os jovens dos autores exigidos no vestibular, por exemplo, não é tarefa fácil, principalmente com toda essa concorrência literária que se tem hoje no mercado e a internet com suas “facilidades literárias”. Os jovens deixam de ler a obra completa para ler resumos, resenhas ou até mesmo adaptações das obras em filmes, somente para fazer suas atividades escolares.

Este tema vem sendo debatido em Palestras, Seminários, Congressos, e diversos livros que oferecem estratégias de leitura vêm sendo publicados, mas esta prática de ensino de Literatura ainda carrega um “ranço mecanicista”, pois, como ressaltam os PCNEM “a literatura não desperta o interesse dos alunos, pois eles não encontram vínculo entre aquele conteúdo ensinado, baseando-se apenas em estudos historiográficos, e a sua realidade concreta” (BRASIL, 1999, p.127).

Para ser um verdadeiro mediador entre o texto e os alunos, é necessário que o professor deixe de lado seu papel de detentor do conhecimento, ou seja, de sua condição de leitor mais experiente. Como mostram os PCNEM “essa habilidade pré-estabelecida, pressupõe que o professor trabalhe efetivamente a leitura da obra literária com seus alunos” (BRASIL, 1999, p.127). É possível imaginar que isto não está ocorrendo, talvez porque o professor não saiba como desenvolver sua aula utilizando as obras literárias. Conseqüentemente, não consegue desenvolver os objetivos maiores que são as competências e habilidades a serem desempenhadas na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura.

É primordial que o professor esteja ciente de sua responsabilidade, em desenvolver as competências e habilidades essenciais aos alunos de Ensino Médio,

principalmente no que tange ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura, tendo em vista que este é o público que irá adentrar as universidades brasileiras e futuramente desenvolver estudos e pesquisas em todas as áreas do conhecimento.

1.1 Formação do leitor e a escola

A escola tem papel fundamental no ensinar a ler e escrever, mas ao longo da história, percebe-se que esse papel não tem sido cumprido do modo como deveria ser. Quase tudo é feito de forma mecânica, as crianças aprendem a decodificar códigos, ler decodificando letras e sílabas. Para tornar a criança em um leitor é um longo processo, e nem sempre se consegue cumprir este papel, na maioria das vezes o que se consegue é indivíduo habilitado na leitura. Vera Aguiar (1988, p. 16) apresenta a seguinte definição:

Para aprender a ler o texto verbal escrito, não basta conhecer as letras que assinalam os fonemas, nem adianta saber que os fonemas só fazem sentido quando reunidos em palavras ou frases. Não é suficiente, também, descobrir ou compreender as regras do código chamado gramática, que juntam fonemas em palavras ou frases. Essas habilidades são apenas operações de base para a leitura e, na vida prática, são dominadas por processos mentais de associação e memória a partir da motivação do indivíduo ágrafo quando ingressa na escola em busca do domínio da escrita.

Ler é muito mais que uma simples decodificação, “a leitura pressupõe a participação ativa do leitor na constituição dos sentidos lingüísticos” Aguiar (1988, p. 16), defende que “embora as palavras sejam explicadas no dicionário, nunca exprimem um único significado quando integram uma frase de um texto determinado”. O leitor, em alguns casos, não têm consciência da importância que a leitura tem em sua vida, não aquela leitura de decodificação, mas a leitura com significado, a leitura que possibilite ao indivíduo análise, olhar crítico. Yunes ressalta:

Se o ato de ler não é mera decodificação de um sistema de sinais (escrito, desenhado, esculpido em pedra, imagem e movimento), não basta uma análise formal do código em que foi decifrado, para torná-lo legível; se o universo de discurso importa para a significação, há que considerar o contexto de sua produção; se há ouvidos diferentes de cada homem, há que pensar nos efeitos que o dizer/grafar tem sobre os sujeitos, isto é, como se dá a recepção por parte do ouvinte/leitor. Cada um recebe a água vertida no receptáculo de que dispõe (2002, p. 20).

É crucial o papel do leitor na definição de um significado apropriado para determinada palavra num conjunto limitado. A escola, quando forma “pequenos decodificadores”, deixa um gargalo na vida escolar destes alunos, que no futuro possivelmente terão dificuldades quando tiver um contato com obras literárias, por exemplo. Em seu texto, Lajolo reflete:

Ler confunde-se, pois, com a aquisição de um hábito e tem como conseqüência o acesso a um patamar do qual não se consegue regredir; porém, a ação implícita no verbo em causa não torna nítido seu objeto direto: ler, mas ler o quê? Desta maneira, o cerne da leitura não se esclarece para o aluno que é beneficiário dela. Por conseguinte, sabendo ler e não mais perdendo esta condição, a criança não se converte necessariamente num leitor, já que este se define, em princípio, pela assiduidade a uma instituição determinada – a literatura (1991, p.16).

É na escola que a criança adquire a habilidade inicial para a prática da leitura, é lá que se deve despertar o interesse pelo mundo letrado, pelo gosto de ler e, principalmente, criar o hábito da leitura. Ao professor cabe a responsabilidade de proporcionar o acesso aos educandos aos mais diversos tipos de leituras, das mais comuns do cotidiano da sala de aula até as leituras de texto fora do ambiente escolar.

A criança, o jovem, devem ter como um dos atrativos para o gosto pela leitura a liberdade de escolha dos textos que querem ler, o encontro com os livros é primordial para o que se almeja como formação de leitor. Por isso, é tão importante o professor criar momentos de acesso livre aos livros, levar as crianças, os jovens para a biblioteca da escola, e torná-la um ambiente familiar, que os alunos gostem de visitar e que se sintam à vontade em meio aos livros.

A biblioteca da escola deve ser a extensão da sala de aula, onde o aluno tenha livre entrada para escolher os textos que lhe agradem. A biblioteca não pode ser um ambiente punitivo, e sim de prazer e de acesso fácil e que possibilite empréstimos dos exemplares aos alunos.

Pensando nesse contato dos alunos com as obras, é importante ressaltar que a formação deste leitor não pode ser feita de qualquer forma, conforme resalta Aguiar “o leitor tem um papel importante na construção dos sentidos lingüísticos” (1988, p. 16), pois a tarefa da leitura, segundo ela, consiste em escolher o significado mais apropriado para a palavra num conjunto limitado. Ressalta ainda que:

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. Mesmo diante de qualquer texto que a escola lhe proponha como meio de acesso a conhecimentos que ele não possui no seu ambiente cultural, há a necessidade de que as informações textuais possam ser referidas a um *background* cujas raízes estejam nesse ambiente. Portanto, a preparação para o ato de ler não é apenas visual-motora, mas requer uma contínua expansão das demarcações culturais da criança e do jovem (1988, p. 16).

Para proporcionar o acesso à leitura e contato com as obras literárias, antes de tudo, a escola precisa possibilitar ao aluno perceber em seu entorno o contexto social e histórico da sociedade em que ele está inserido. Isto facilitará ao jovem ao realizar uma leitura significativa, que ele consiga relacionar o texto lido com seu meio cultural.

Desde o início da vida escolar do jovem é importante essa formação, pois, o contato com as obras literárias será mais prazeroso. Refiro-me principalmente ao processo de alfabetização das crianças, pois, assim como a escola pode ser fundamental na construção do leitor, ela pode ter o efeito contrário, se não conseguir desenvolver, por exemplo, uma alfabetização de qualidade.

Se a criança que não consegue se alfabetizar dentro do período considerado esperado pelo sistema de educação brasileiro, que varia entre os 6 ou 7 anos, terá muitas dificuldades no desenvolvimento da linguagem escrita. Mariza Lajolo explicita em seu texto que é necessário “dar oportunidade para que a alfabetização se cumpra de modo global, transformando então o indivíduo habilitado à leitura em um leitor, ou não, o que pode reverter no seu contrário” (1991, p. 16), ou seja, se não realizarmos essa transformação da criança de um sujeito habilitado à leitura em um leitor, ele será sempre apenas um indivíduo habilitado à leitura.

Quando pensamos na competência da escola em formar estes leitores, cabe-nos ressaltar que não é possível colocar toda a responsabilidade apenas na escola, mesmo ela sendo o lugar em que se inicia formalmente este processo na vida do aluno futuro leitor. Esta responsabilidade deve ser compartilhada com a família também, que poderá auxiliar e muito neste processo. Regina Zilbermam ressalta:

É a criança principalmente que, dentro e fora da escola, passa a ser objeto de maiores cuidados, em virtude, de um lado, do papel potencial que desempenha no mercado consumidor, do outro, porque sua sábia formação intelectual e afetiva é uma das preocupações centrais da sociedade de maneira geral, da família e da escola em particular (1991, p. 16).

De uma maneira ou de outra, a escola é sempre responsabilizada por essa formação e sempre que isso acontece é quando alguma coisa não vai bem, quando as pesquisas apresentam números desastrosos e toda responsabilidade recai sobre ela. Zilberman relembra:

Não por acaso os debates sobre a crise de leitura, começados durante a década de 70, foram desencadeados pelo fracasso da última reforma do ensino e entre professores, embora o problema tenha origens remotas, envolva diferentes classes de intelectuais e empresários e afete a todos. A escola é o lugar onde se aprende a ler e escrever conhece-se a literatura e desenvolve-se o gosto de ler (1991, p. 10).

A partir da década de 70 essa questão vem sendo mais discutida, pois é na Reforma de ensino quando se institui um ensino obrigatório de 5 para 8 anos, aumentando este público de leitores e deixando este espaço literário em pleno êxtase, sendo a literatura infantil o grande fenômeno. Foi também neste mesmo período histórico que o Brasil procurou tomar como empenho a implantação de uma política cultural fundamentada no estímulo à leitura.

O que chama atenção nesse período histórico é que não só o Brasil tomou essa iniciativa, mas alguns países americanos, asiáticos e também africanos. Todos, de alguma forma, procurando desdobrar os esforços para tentar facilitar o gosto pela leitura, por intermédio da ação da escola. O mais valioso neste processo foi a iniciativa de tomar para si a responsabilidade de promover a produção local de textos, de incentivar os escritores locais, buscando dotar seus leitores de obras que falem de seu mundo, da sua cultura e fundamentalmente de sua linguagem. Regina Zilberman diz em seu texto:

O exercício dessa função que se mostra simultaneamente cultural e política é delegada a escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor e de estímulo ao consumo de livros (ZILBERMAN, 1991, p. 17).

Tendo em vista as diversas dificuldades enfrentadas para a formação do leitor, sem dúvida, é através da intermediação da escola que se procurou de alguma forma tentar solucionar estas dificuldades. Mas sabemos que seria primordial que ela fosse de alguma forma neutra, politicamente falando, não poderia ter vínculos comerciais e lucrativos. Na época do Iluminismo, por exemplo, a prática de leitura foi por muito tempo promovida pela Pedagogia da época, pois os ideais iluministas eram impostos pela burguesia, o livro foi usado como instrumento de cultura e era usado como uma arma contra a nobreza feudal. Zilberman afirma:

Os pensadores iluministas procuraram salientar uma ordem de conceitos até então tida como inquestionável. E reivindicaram um modo de pensar apoiado tão-somente no exercício do raciocínio e na verificação para assegurar suas certezas, abolindo o prestígio da magia e da religião. Os Iluministas inauguraram, de um lado, o racionalismo contemporâneo que confere à ciência uma importância até aí desconhecida por ela; de outro, uma ideologia da leitura baseada na crença de que a educação a que se tem acesso pela aquisição do saber acumulado em livros é a condição primeira de uma bem-sucedida escala social. Desta maneira, o ingresso do indivíduo na vida comunitária coincide com o momento em que ele começa a freqüentar a escola e aprender a ler (1991, p. 18).

A escola passa então a se afirmar enquanto instituição desde essa época, considerando a responsabilidade de ensinar a ler e escrever, o ensino da leitura e escrita são atividades que, sob este aspecto histórico, se confundem, constituindo-se desde então, fundamento do processo de socialização do indivíduo.

Para formar leitores não se deve apenas criar indivíduos com habilidades de leitura somente, é preciso ir além, procurando sempre inserir os alunos no contexto cultural a que pertencem. A crise no sistema ideológico de ensino ocorrida na década de 70 possibilitou esse olhar de valorização da produção local, além do Brasil outros países também buscaram o contexto local como inspiração para as produções escritas, facilitando a inserção deste aluno.

O professor tem papel primordial na formação do leitor, pois parte dele o exemplo, o estímulo e o incentivo à leitura, além de possibilitar que o aluno faça suas escolhas, tenha acesso livre as bibliotecas. Assim como a escola, o professor, cabe também à família o papel incentivador do hábito de leitura dos seus filhos, buscando contribuir de maneira significativa para a formação do leitor literário.

1.2 A Leitura e sua Função Social

Os grupos sociais têm suas diferenças, suas características e por isso não podem ser homogêneos. Utilizamos a linguagem para nos comunicar, seja ela falada, gesticulada ou escrita, mas para que isso ocorra, é preciso que exista um grupo, e dentro do grupo existem os indivíduos. É através do contato entre os indivíduos que geramos a comunicação, a necessidade de utilização da linguagem.

Em uma cultura grafocêntrica como a nossa, o acesso à leitura é de extrema importância, tendo em vista os diversos benefícios sociais atrelados a ela. Com a leitura é possível ampliar conhecimentos, enriquecer culturalmente, ampliar o nosso leque de interações sociais. Soares (2005, p. 21) nos lembra Lévi-Strauss “Se minha hipótese for exata, é necessário admitir que a função primária da publicação escrita foi de facilitar a servidão” ou seja, o principal objetivo da leitura em seus primórdios foi de beneficiar as classes dominantes. Para as classes menos afortunadas cabia o aprendizado da leitura como uma forma de sobrevivência e ascensão.

Na nossa cultura, com o intenso intercâmbio entre os indivíduos, e nos processos comunicativos, acontecem as trocas lingüísticas, o indivíduo percebe o outro, o meio e a si mesmo, assim como contribui para a formação deste meio, ou deste grupo em que está inserido, a partir destas trocas.

Segundo Yunes:

É a consciência de que a linguagem constitui o homem, particularizada pela força das vivências pessoais que se entrecruzam com a de outros em diferentes agrupamentos sociais enquanto percebidas nas suas diferenças, que permitirá ao falante realizar um distanciamento crítico e peculiar, capaz de imprimir à sua voz uma personalidade de natureza singular. Neste caso, porém, estamos longe do viés de excentricidade retórica que se materializa em “personalismos”, e mais próximos da singularidade que constitui o sujeito em seu compromisso com a história viva, numa espécie de experiência da superfície que contudo não se define por oposição a profundo, que inclui o retorno a uma razão pré-racional, poética e política (2002, p. 30).

Ao pensarmos a comunicação, percebemos que é através da linguagem oral que o homem mantém suas relações desde tempos remotos. Nos primórdios da literatura, as histórias eram contadas de forma oral, transmitidas de geração em

geração pelos contadores de histórias. Somente com o advento da escrita passou-se a registrar as histórias em pedras, tábuas de argila e pergaminhos.

Pensar em alfabetização e leitura passou a ser fator crucial, pois hoje, ler e escrever são fatores importantes para qualquer indivíduo. No contexto histórico, com o surgimento da escrita, o que antecede na memória dos homens prevalece somente na oralidade. De acordo com Yunes:

Durante muitos séculos, os homens se referiam aos mitos e à épica não como literatura, porque este termo já suporia o ato de ler, enquanto todo o conjunto memorável de seu passado se assentava sobre a audição. A divulgação destas narrativas costumava ocorrer em contextos festivos, onde a mimesis tinha lugar: o repertório mitológico era reatualizado pelo canto e pelas danças, propiciando a memorização dos fatos e dos feitos, cujas narratividade, às vezes, construída anonimamente, fixava-se nos afetos das gentes. Assim sendo, a oralidade que precedeu a escrita como forma de preservação da memória estava associada ao imaginário e ao ludismo sonoro, capaz de criar laços mais duradouros que a linguagem ordinária (2005, p. 52).

Quando a escrita se consolida, as mudanças culturais tornam-se demasiadas, tendo em vista que a natureza do código escrito, sistematicamente alfabetizado, compreende a possibilidade de um maior controle sobre o que é comunicado. Conseqüentemente a escrita vai se fortalecer como um compactador do que é dito e com a leitura pode-se representar o vivido.

Yunes afirma ainda que, “desse mesmo modo como a escrita não suprimiu a oralidade, a cultura midiática não extinguiu a condição de leitor dos que interagem no magma secundário da oralidade que permanece intenso na cultura alfabetizada” (2005, p.52). Para a autora a oralidade está, hoje, condicionada pelo reducionismo imposto à linguagem pelas ideologias próprias da mídia.

O mundo já aparece interpretado consoante as vozes que o manipulam, dos telejornais às telenovelas, dos comentários às entrevistas que alienam contextos para naturalizar práticas. Assim é que os marginalizados da alfabetização se sentem não-leitores quando, em verdade, sua potencialidade de leitura é exercida (ou não) de acordo com o imaginário instituído em que se sentem inseridos. Dizendo de outro modo: resgatar a capacidade leitora dos indivíduos significa restituir-lhes a capacidade de pensar e de se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela constituição do sujeito, isto é, fortalecendo o espírito crítico (YUNES, 2005, p. 54).

Quando o homem começou a registrar histórias em livros, os autores deixavam registrados nestes livros suas impressões, suas opiniões e os leitores

passavam então a dar “vida” a estes livros. Conforme faziam a leitura iam se apropriando das manifestações sociais e culturais da época. Na contemporaneidade isto prevalece, “nossa oralidade contemporânea, contaminada pela escrita, exerce práticas de leitura fortemente condicionadas pelas forças ideológicas dominantes” (YUNES, 2005 p. 56).

Nesse grupo de indivíduos as relações vão se entrelaçando, pois conforme acontece a leitura vai se apropriando de novos conhecimentos, e assim proporcionando uma maior compreensão de seu papel como sujeito histórico. Conforme Aguiar:

O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens. A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que o abre para o outro (1988, p.10).

Historicamente a escrita significa uma vitória sobre a memória, pois é possível ter registrados fatos ou acontecimentos que ocorreram há tempos, e que com a escrita é possível lembrar estes fatos muitas vezes com riqueza de detalhes. É possível também estabelecer maior conhecimento conforme nos apropriamos da leitura. Nas sociedades ágrafas se guardavam ou se conservavam as idéias através da memória. Para os indivíduos que utilizam a escrita e a leitura, quanto mais a utilizamos, mais acumulamos, reformulamos ou condensamos informações.

Ao retirar da oralidade o registro e a memória do vivido, fixando-a na escrita alfabética inaugurada pelos gregos – cuja economia combinatória parece-nos óbvia e revelou-se tão inesgotável como a dos algarismos arábicos decimais – a sociedade humana, dona da linguagem articulada, deu um dos saltos qualitativos mais extraordinários e complexos da sua história, só comparável ao domínio do fogo, à interdição do incesto e a invenção da luneta, que fizeram o mundo “sair dos eixos” (YUNES, 2002, p.13).

Do ponto de vista sociológico as diferenças sociais entre os grupos - os letrados e não letrados - vão se perpetuar por toda a história humana. A classe

menos abastada, algumas vezes, não consegue superar aqueles que tiveram acesso aos estudos e conseguiram se apropriar do código escrito.

Conforme mostra Aguiar:

As sociedades gradualmente se dividem em segmentos cultos e incultos, tomando como critério distintivo o domínio do código lingüístico escrito. Do ponto de vista histórico, a situação de desigualdade entre elementos alfabetizados e analfabetos produziu uma relação de domínio dos primeiros sobre os segundos, que se acrescentou a todas as outras formas de dominação social. Já a Revolução Francesa de 1789 postulava a abertura de escolas públicas com o fim de levar as letras até o povo, de modo a promover uma maior igualdade social.

A escola pública, todavia, embora nascendo com esse propósito de equalização, cedo se revelou mais um aparelho de dominação das classes populares, traíndo o seu objetivo inicial. Talvez essa traição se explique pelo fato de que a escola, na verdade, surgiu por iniciativa da burguesia emergente, que desejava ascender ao status social da aristocracia (1988, p.10).

Este fator perpetua-se até os dias atuais, aqueles que não conseguem utilizar os códigos escritos são pouco valorizados, têm dificuldades em viver numa sociedade totalmente tecnológica, com predomínio de informações escritas.

Paulo Freire, que foi um grande incentivador e propagador de alfabetização de jovens e adultos, muito contribuiu para a questão social da Educação de Jovens e Adultos. Alfabetizar homens e mulheres, trabalhadores que nunca tiveram a oportunidade de sentar em um banco de escola, esta foi uma bandeira durante sua vida. Freire desejava dar um mínimo de cidadania a estes homens e mulheres brasileiros, que ao aprender assinar seu próprio nome em um documento, estariam realizando um sonho de inserção social.

Freire insistia nessa “compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita”, para ele todos são leitores, leitores em formação, desde a mais tenra idade ao mais velho cidadão, pois todos estes indivíduos fazem parte da construção social e cultural de seu respectivo grupo, como ele ressalta ao lembrar:

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista da calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado melquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular (2006, p. 15).

Como um grande pesquisador, Freire propagou em seus estudos formas de apresentar a leitura e escrita de maneira contextualizada da realidade de cada indivíduo. As leituras de mundo hoje também estão ligadas à leitura da escrita, de alguma forma é intrínseca essa relação.

A universalidade do ato de ler provém do fato de que todo indivíduo está intrinsecamente capacitado a ele, a partir de estímulos da sociedade e da vigência de códigos, que transmitem preferencialmente por intermédio de um alfabeto. Marcuschi (2005, pg.39) ressalta que a preocupação com a leitura e a escrita não pode ser deixada para segundo plano: “O certo é que ler e escrever são, hoje, duas práticas sociais básicas em todas as sociedades letradas, independente do tempo médio com elas dispendido e do contingente de pessoas que as praticam”.

Nos primórdios da Revolução Industrial, em meados do século 18, a sociedade valeu-se do saber para procurar desenvolver-se economicamente. Além da economia, o fator cultural é o que realmente transformou a sociedade, pois o sistema que pregava “igualdade para todos” de alguma forma possibilitou o acesso ao conhecimento para todos os indivíduos, pois a escola estava em franca expansão nesse período. Segundo Williams (**apud LAJOLO**):

A sociedade européia, e a ocidental, por extensão, vivem sob o emblema da revolução duradoura, que se manifesta em diferentes níveis: no econômico, persistem as conseqüências da revolução industrial, a que se associam profundas modificações tecnológicas e científicas, no plano político, a revolução democrática determina o avanço irrefreável das formas de participação popular, na direção de um sistema comunitário apoiado na igualdade entre todos os membros. E, enfim, desdobra-se uma revolução cultural, assinalada pela expansão das oportunidades de acesso ao saber (1991, p. 12).

A caracterização de um público leitor vai surgir com este processo histórico, tendo em vista que as pessoas passam a valorizar mais os livros, objeto de conhecimento. A circulação da cultura letrada ficou mais forte, pois todos, de alguma maneira, puderam ter contato com os livros de forma mais democrática e popular.

A escola, após este período, passa por muitas transformações, Lajolo ressalta:

Com o domínio generalizado da habilidade de ler, conseqüência da ação eficaz da escola, opera-se uma gradativa, mas irreversível, democratização do saber. Por outro lado aparecem as primeiras expressões da cultura massificada, devido à explosão de uma literatura popular, cuja transmissão se fizera, até aquele momento, por intermédio das formas

orais, acompanhadas pela música. Sem perder sua popularidade, a literatura descobre novas vias de propagação entre seu público, gerando a chamada “leituromania”, que levou pedagogos da época a campanhas de esclarecimento e alerta contra os perigos da leitura em excesso. Igualmente e o resultado do período a noção de uma leitura de índole especial, mais adequada, porque mais pragmática e objetiva aquela que se destinasse às obras úteis, de caráter informativo ou evangélico, que conduzisse a mediação da aprendizagem, impedindo o escapismo e a fantasia. (1991, p.12)

Comparando com nossa cultura atual, não podemos deixar de esclarecer que muito das questões política, social, ideológica predomina na expansão da leitura, as necessidades do mercado, dos produtores culturais, livreiros prevalecem. A escola e a leitura com sua parceria secular, não são totalmente emancipadas, muito do poder político prevalece até hoje, mas não deixam de emancipar o indivíduo, que sozinho tenta, de alguma maneira, vencer por mérito próprio esse poder político muitas vezes esmagador.

Entretanto, por desencadear um processo de democratização do saber e maior acesso aos bens culturais, a escola é um elemento de transformação que não pode ser negligenciado. “Este fator relaciona-se especialmente com a leitura, o que pode ser comprovado, num primeiro momento, a partir das distintas políticas de alfabetização que caracterizam os países de Terceiro Mundo” (LAJOLO, 1991 pg. 14).

Passeando por estes caminhos, percebemos que a leitura e a escrita estão imersas em um caldeirão chamado linguagem. São estes dois processos que vão organizar a realidade, o imaginário, a memória. Tudo está relacionado à leitura e escrita, ela é o cenário, e cada pessoa, uma personagem.

Através da leitura e escrita é possível construir sujeitos, leitores, escritores, estabelecer relações com o outro, com o mundo e, principalmente, individualmente.

1.3 O que os jovens lêem

Muito tem se falado a respeito do perfil de leitor jovem que temos em nossas escolas, os professores se queixam de que realmente não é possível ensinar Literatura concorrendo com bruxos, vampiros e outros personagens que encantam esses jovens, além de toda tecnologia de informática disponível no mercado. “Os

jovens estão inseridos no mundo cibernético, vivem a maior parte do seu tempo em frente a uma tela de computador” (MARCHI, 2006. p. 158).

Na verdade, do ponto de vista teórico, é extremamente difícil definir quem é esse leitor jovem, mas do ponto de vista prático, é possível saber quem são os jovens leitores, e que eles são reais e estão todos nas salas de aula.

Para os professores as cobranças são inúmeras, são os responsáveis por formar estes leitores, são obrigados e cobrados a formar os cidadãos que fazem leitura, principalmente de livros. É fato conhecido que a realidade da população brasileira, não é de um povo que gosta muito de ler, pelo contrário, vivemos em um país tropical, cheio de praias, com uma musicalidade que vem de berço, são muitos atrativos que levam os jovens aos clubes, praias, bares. etc., é “preferível a ficar em casa trancafiado realizando a leitura de um livro” (MARCHI, 2006. p. 159).

Como ensinar Literatura em sala de aula, com um mercado que dispõe de inúmeras sagas e trilogias que vendem milhões de livros, com mocinhos, vampiros, bruxos? Tudo encantador, que chama muito mais atenção que “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, por exemplo, obra recomendada para exames de vestibular, mas que poucos jovens fazem questão de ler na íntegra.

Muito do que é recomendado e exigido nos programas curriculares das escolas demandam muita maturidade deste leitor jovem, pois são livros de uma linguagem ímpar, é neste ensejo que vejo realmente necessário e fundamental o papel do professor para fazer essa intermediação entre os jovens leitores e as obras. Nesse entendimento, ressalta Marchi:

Para muitos, a leitura de livros de literatura é muito exigente, difícil, cansativa, monótona, demorada, enquanto os jornais e as revistas são de leitura rápida e, por isso, agradável. É comum que os adolescentes – ou pré-adolescentes – refiram-se à sensação de perda de tempo relacionada como o fato de ficarem lendo enquanto as coisas acontecem. Para eles, ler livros de literatura não são nenhum acontecimento importante (2006, p. 160).

Refletindo sobre esta questão, e analisando este fator que não pode ser ignorado, de alguma maneira não se pode desprezar de todas estas sagas, vendidas nas livrarias. É de conhecimento de todos que não fazem parte do rol de livros de literatura recomendados para leitura Harry Potter, Eclipse, entre outros, mas que de forma peculiar poderia ser um atrativo para incentivar o gosto pela leitura dos jovens. Relembrando Yunes que conta uma passagem em seu livro *Pensar a leitura*:

complexidades, que “não seria desprezível começar pelas narrativas ficcionais mais fantásticas, recomendação, aliás, feita por Einstein a uma mãe interessada em preparar o filho pequeno para as genialidades científicas: “Dê-lhe mitos a ler” foi à resposta” (2002, pg. 26).

Apesar de não serem obras canônicas, podem estimular os jovens leitores ao hábito de leitura constante, e o professor, com sua perspicácia introduzir na lista de leitura dos jovens adolescentes, obras recomendadas para a disciplina de Literatura.

A literatura, nesta acepção que abarca narrativas de diferentes ordens mas que, com certeza, privilegia as que convocam os afetos, a sensibilidade, além da lógica e da inteligência – a meu ver – melhor serve para iniciar o indivíduo na aventura de ler e conhecer pela experiência de sentir-se diante do relato tomando partido, fazendo escolhas no exercício de tornar-se sujeito. Trabalhando com ela, é ágil atingir, pela observação dos modos de dizer, a tal consciência material da linguagem que constrói mundos com as referências que cria. Descobrimo, portanto, que com a linguagem podemos fazer muitas coisas, afetar de modo efetivo os muitos sujeitos e a história.

Passear pelos “bosques da ficção” ou pelas “cidades invisíveis” é uma experiência iniciada à descoberta de que o próprio mundo da natureza dada só pode ser entrevisto pela ótica da cultura. A intimidade gradual com a sedutora linguagem das assonâncias, das imagens inusitadas, dos enredos inesperados. Abre caminho para outras aventuras e compromisso de leitor, que passa a vislumbrar maior cumplicidade e responsabilidade entre letra e vida (YUNES, 2002, p. 26).

Um ponto importante a ser ressaltado, sem dúvida é a quantidade de páginas que um jovem precisa ler ao se deparar com as sagas e trilogias. Alguns destes livros da literatura não canônica possuem em média 400 a 500 páginas, e os “jovens leitores devoram em poucos dias, outros em poucas horas, podemos considerar como um ponto positivo, pois este leitor passa mais tempo do seu dia realizando leituras” (MARCHI, 2006. p.161).

De alguma forma as secretarias de educação, as escolas, as editoras têm buscado alternativas para auxiliar nesse processo de estímulo à leitura dos jovens. São diversas iniciativas, como por exemplo, as adaptações de obras canônicas em formato de quadrinhos.

Mas ressalto um ponto negativo, e concordando com Marchi quando afirma que mesmo com toda a boa intenção de incentivo à leitura, os “jovens perdem um pouco do senso imaginativo” (2006, p.161), pois deixam de imaginar como seria aquela personagem somente realizando a leitura da obra integral. Com o desenho isso atrapalha esse processo, mesmo sabendo que são ótimas ilustrações e que se constituem em uma arte, pois o desenho é uma arte plástica. Ainda sim, defendendo a

leitura integral do livro, que enriquecerá seu senso imaginativo, sua criatividade, sua perspicácia para leitura, análise crítica, sensibilidade, entre outros sentimentos que afloram com a leitura de um livro.

Ao pensar sobre o público jovem, há de se convir que alguns estão em uma faixa etária muito peculiar: de explosão hormonal, conflitos de personalidade comuns aos jovens de 15 aos 17 anos, mas que por estarem na escola necessitam cumprir o currículo escolar. Os professores necessitam também cumprir uma carga horária e um programa de aulas em um tempo que não é necessariamente muito generoso, tornando tudo isso um processo ainda muito mais árduo.

O que fazer quando temos um jovem que está muito mais interessado em se manter bonito e formoso, passando horas na academia para criar músculos, horas frente ao espelho passando gel no topete tentando aparecer bem frente aos amigos e possíveis namoradas ou “ficantes” como dizem hoje? Como fazer para tentar seduzir para a Literatura as moçoilas que estão mais ocupadas tentando alisar os cabelos e fazer dietas mirabolantes para atender à ditadura da magreza, tão comum entre as jovens adolescentes?

Tudo isso sem contar com as novas tecnologias cada dia mais avançadas e que tornam os jovens reféns em adquirir os últimos modelos de celulares, tablets e computadores de última geração. Falar sobre o que leem os jovens realmente é tarefa difícil, pois o que é possível averiguar nas bibliografias são em alguns casos, jovens leitores de obras que são recomendadas para o vestibular, alguns leem compilações, outros assistem a filmes adaptados das obras ou minisséries também adaptadas para a TV.

Uma dessas obras adaptadas para o cinema é o caso de “Dom”, da obra Dom Casmurro, de Machado de Assis. Foi adaptada para o cinema, tornando o que seria horas de leitura prazerosa, contemplativa e imaginativa, em poucas horas acolchoadas no cinema geladinho, com pipoca e refrigerante, e abro um parênteses lembrando que neste fervilhante Roraima, pouquíssimas escolas possuem centrais de ar-condicionado para amenizar o intenso calor.

Livros esplêndidos de Machado de Assis, Eça de Queirós perdem sua verdadeira essência, e os professores estão dentro deste fogo cruzado, com as mídias explodindo no mundo globalizado e as escolas presas em bibliotecas ultrapassadas, desatualizadas e empoeiradas nas escolas públicas.

As escolas de Boa Vista – Roraima, que atendem os jovens leitores, apresentam em alguns casos, bibliotecas com o acervo desatualizado e laboratórios de informática que ficam a maior parte do tempo trancados. O que foi informado em uma das minhas visitas é que não é possível realizar aulas no laboratório, pois a rede elétrica da escola por ser antiga, não suporta a sobrecarga de energia.

Ressalto que estamos trabalhando com os futuros leitores, os adolescentes são leitores em construção, estão sendo formados, estão ainda conhecendo este universo da Literatura, e se não sairmos deste marasmo, serão os 33 % dos adultos que não gostam de ler, como mostrou a pesquisa do Instituto Pró-Livro (2007, p.13)

No Brasil, onde se mostra a educação como sendo ainda deficiente e a renda da população é considerada baixa para a compra de livros mais sofisticados e de cunho literário, pode-se situar que projetos de inclusão social digital podem ser uma solução de incentivo à leitura, e principalmente leitura literária. “Acredita-se que as telas de computador que existem hoje são telas escritas, e que podem ajudar a ensinar a ler e escrever, e que sistematicamente podem incluir uma leitura literária, proporcionando um acesso a uma biblioteca sem limites” (MARCHI, 2006. p.169).

Mas, analisando sob a ótica histórica, as histórias antes eram contadas através das narrativas orais. Contadas e passadas de pai para filho, de geração para geração, até chegar ao advento da escrita, as tábuas de argilas ou pergaminhos, isso tudo era tecnologia utilizada na época, de alguma forma pode-se amadurecer a reflexão acerca do uso do computador como um aliado na vida do professor.

A realidade do jovem leitor é a utilização de recursos tecnológicos. É preciso implementar políticas públicas que possibilitem o uso da mídia a favor do professor, e com isso tornar o processo de leitura e fomento de leitura literária nas escolas de Boa Vista – Roraima.

1.4 O papel do professor de língua Portuguesa e Literatura

Um tema importante e bastante difundido é sem dúvida, o conteúdo literário que é apresentado nas escolas de Ensino Médio, muito aquém da realidade do universo real literário. Muito do que é apresentado pelos professores em sala de aula é feito, algumas vezes, fora do contexto que o saber literário exige. É possível perceber as repetitivas práticas de apresentar aos alunos apenas a historiografia

literária, resolver diversos questionários, com questões objetivas e prontas dos textos ou obras completas.

Não se tem a intenção de criticar o estudo da historiografia literária, de maneira nenhuma. Mas levantar a reflexão sobre algumas avaliações utilizadas por alguns professores, que perpetuam práticas inalteradas por décadas a fio. É preciso perceber que essa prática retrógrada, de séculos passados, como por exemplo, resoluções de questionários, não ajuda em nada os estudantes.

Os jovens necessitam desenvolver habilidades que envolvam, por exemplo, atividades que possuam subjetividade, conotação, uma diversidade considerável de leituras, para que seja possível uma análise, uma apreciação, ou até mesmo comparação entre obras.

O ideal é que o professor da disciplina Língua Portuguesa e Literatura procure trabalhar com a essência do texto, não somente com as interpretações usuais, mas explorando o que há de mais profundo no texto, e principalmente explorando a subjetividade de cada obra.

Mas o que realmente levará o professor ao êxito é explorar a leitura. Procurar desenvolver diversas metodologias em sala de aula que possibilitem aos alunos diversos olhares sobre a obra estudada. O trabalho com os jovens que são estimulados à leitura proporciona uma prática mais efetiva, e a apresentação das obras literárias fica mais rica, mais fácil e trará muito mais significado para os jovens leitores.

Marisa Lajolo (2002, pg. 34) afirma “ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”, o mesmo pode-se dizer de nossas aulas, se não houver um trabalho sério e comprometido, se coloca tudo a perder; professor que estimula o aluno à prática leitora, proporciona um ensino de Literatura rico em significados.

Antonio Cândido (2000, pg. 47) ressalta que “a obra literária precisa do leitor, e este precisa atuar no processo de leitura”, para que a Literatura se torne motivadora na ação leitora do educando, é necessário considerarmos a participação deste na construção dos significados sugeridos pelos textos. Quando se trabalha com interpretações “prontas”, em que somente o professor coloca suas ideias e percepções sobre o texto, não se considera uma perspectiva de aprendizagem, uma vez que o jovem apenas absorverá conceitos definidos por outro leitor.

Marildes Marinho (2004, pg. 24) apresenta a figura do professor diante dos discursos sobre leitura e escrita, traçando um perfil pouco otimista deste, quase sempre considerado “o culpado” das condições precárias em que se encontra o aprendizado da leitura e escrita:

Parece importante interrogar sobre a construção de uma identidade do professor, na sua relação com a escrita. Inúmeras perguntas poderiam ser feitas, quando se tenta compreender essa relação, mas aqui interessa interrogar como esse professor aprendeu a ler e a escrever e em que medida essas condições de aprendizado influenciam as suas práticas de ensino de leitura e da escrita (MARINHO, 2004, p. 29).

O papel da escola e do professor na formação literária é crucial para a formação dos futuros leitores, não que o professor seja o único responsável, até porque ele não pode ser responsabilizado sozinho. Mas, ao se tratar de escola, ele é peça chave na colaboração da formação desse futuro leitor.

Vera Aguiar defende alguns requisitos primordiais para o desenvolvimento de uma aula voltada ao ensino de Literatura:

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada na área de literatura, com bibliotecários que promovam o bom livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura, e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor (AGUIAR, 1988, p. 17).

Todas estas considerações demonstram o quanto é importante a formação do professor, assim como a escola também deve estar atenta às práticas de estímulo ao conhecimento literário. Se tudo isso não for viabilizado pelas escolas, não vai ser possível o trabalho do professor, considerando que “os objetos de leitura, principalmente o livro, passam por um processo de “obscurecimento intencional” (SILVA, 1983, p. 63).

Tudo que possa promover o livro deve ser respeitado, mas vemos uma realidade cruel na sala de aula e nas escolas, quase e/ou nenhum acesso aos livros, “Ausentar o estímulo (livro) do mundo vivido pelas pessoas significa retirar a possibilidade delas executarem uma resposta (ler o livro), isto é, movimentarem a consciência para o objeto” (SILVA, 1983, p. 63).

As responsabilidades dos professores no desenvolvimento dos jovens leitores são muitas. As práticas desenvolvidas nas aulas de ensino de Literatura que são pautadas em modelos de avaliação descontextualizados, tornam este ensino

inviável. É essencial o domínio da obra, mas também deixar que os alunos possam experimentar, analisar a obra, refletir, debater, procurar estimular o jovem a ler e esmiuçar o texto como suas próprias opiniões.

Apesar de toda a cobrança, o professor não é o único responsável pela formação do jovem leitor, mas é considerado o elo entre a obra literária e o jovem, já que é ele que vai apresentar as obras literárias e estimular conhecê-las.

Além de uma boa formação acadêmica, é primordial que o professor da disciplina de Literatura seja também um leitor voraz, que procure conhecer a fundo as obras recomendadas, além de procurar fundamentar-se teórica e metodologicamente. Tudo isso, acompanhado de uma boa biblioteca, com um acervo que contemple os programas curriculares das escolas.

2 PANORAMA HISTÓRICO DO ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL

Examinando um pouco a história da disciplina Língua Portuguesa, é possível perceber como sua inserção no currículo escolar brasileiro determinou muitas práticas que são utilizadas em sala de aula, e que estão arraigadas à tradição do ensino de literatura.

2.1 Um breve histórico do ensino de Literatura

Ao realizar um estudo histórico da disciplina de ensino de Literatura, Soares (2001, p. 34), encontrou nos modos de inserção dessa disciplina no currículo escolar uma série de questões que, em certa medida, “explicavam a permanência, apesar da proposta de renovação conceitual e mudança paradigmática nos anos 80, de determinadas práticas leitoras, calcadas em um modelo consagrado pela tradição”, ou seja, leituras pautadas em tradições seculares, como por exemplo, o estudo historiográfico literário.

Já nos estudos de Literatura, Souza (1999, p. 56) vai empreender um estudo que também apresenta fatores para reflexão, como por exemplo: “por que os professores ensinam sempre os conteúdos já tão ultrapassados, tendo em vista que o ensino de literatura baseado na historicidade desvinculada dos textos não é bem visto no meio literário?”

Este mesmo autor vai responder chamando atenção para o fato de que os estudos literários brasileiros vão se constituir em meados do século XIX. Período este que vai formar a gênese do que chamamos hoje de crítica literária. O autor prossegue verificando o papel do ensino da Literatura em um projeto de formação humanista. Após este percurso pela história do Período Colonial, Souza (1999, p. 56) aponta para o predomínio de uma “educação que privilegia os estudos do latim e sua parte literária, e principalmente sua gramática portuguesa e retórica”.

Não foi apenas na retórica que foi pautado o currículo escolar do Período Imperial, mas principalmente foi a partir desse período que se construiu a tradição historicista no currículo escolar da Literatura.

Mariza Lajolo (1995, p.28) considera que “o nascimento da história da literatura se associa às instituições do estado moderno, vínculo este que, na história

da história da literatura européia, desemboca e traduz-se no processo de inclusão das literaturas nacionais modernas no currículo escolar”.

Em 1837 se delinea uma nova história para a Literatura, com o Colégio Dom Pedro II, a Academia Brasileira de Letras, de 1897, surgem novas iniciativas de projetos que vão consolidar a história da Literatura. Conforme Lajolo (1995, p. 29), surgem textos que modificaram o currículo escolar como, por exemplo: Curso de Literatura Nacional (1862) de Cônego Fernandes Pinheiro, professor de retórica do Colégio Dom Pedro II, outro exemplo dado por Lajolo é a História da Literatura Brasileira (1888), que teve como mérito uma cronologia periódica da literatura brasileira.

A partir do século XX, muitas outras obras foram publicadas, algumas foram reeditadas diversas vezes tendo em vista suas indicações nos diversos cursos de Letras e pós-graduação do Brasil inteiro. Por exemplo, podem ser mencionados os livros História da Literatura Brasileira, de Lúcia Miguel Pereira de 1950, Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, de Antonio Cândido, publicado em 1959, e um grande conhecido que é História Concisa da Literatura Brasileira, de Alfredo Bosi, publicado em 1970. Segundo Oliveira (1999, p. 32) são autores que se especializaram em unir a História da Literatura e o Ensino de Literatura.

É possível perceber que o ensino de Literatura vem, ao longo dos anos, formando o cânone escolar de forma que se entrelaçam história da Literatura e ensino de Literatura, isso faz com que o histórico se configure como disciplina.

A partir de 1962, a disciplina Teoria Literária surge nos currículos de Letras, mas segundo Souza (1999, p.57) de forma facultativa. Mesmo assim, sua posição inicial no desenho curricular dos cursos que a adotam vai justamente lhe dar a característica de disciplina introdutória para os estudos de Literatura.

Para Kothe (1997, pp.107-108), o problema reside numa prática ainda maior, pois privilegia, mais do que a vigência do cânone, a vigência de uma interpretação cristalizada pelo cânone crítico que, reproduzida indefinidamente, emperra o surgimento de uma nova crítica, podendo decorrer daí a noção de inércia que contamina a ideia que temos do ensino de Literatura.

As reformulações no currículo e as propostas curriculares começaram a ser refeitas em meados da década de 80, quando surgiram diversas políticas públicas, ações sociais que possibilitaram essa modificação, conforme Athayde & Júnior:

O que importava era o engajamento de todos na leitura crítica da realidade, sem um horizonte ou ponto de chegada previamente definido. Na área educacional, essa radicalidade vai implicar um projeto político que propõe a construção coletiva de propostas com os professores, provocando uma ruptura com a tradição de surgimento de propostas curriculares (...) (ATHAYDE & JUNIOR, 2007, p. 55).

Esse discurso vai prevalecer sobre a reformulação curricular que vai surgir neste período, e o que vai ser priorizado é a prevalência por conteúdos de cunho social e, principalmente, que estes conteúdos proporcionem aprendizagem significativa, “é necessário que o que se ensina valha a pena” (FORQUIM, 1993, p. 144).

A disciplina Literatura está pautada em um modelo que vigora há anos. Somente na década de 60 surgiu a disciplina Teoria Literária, que proporciona um estudo sobre as teorias que embasam o ensino de Literatura. As mudanças curriculares aconteceram muito recentemente, mais precisamente na década de 80, compondo um novo currículo escolar para o ensino de literatura.

2.2 O Ensino de Literatura no Ensino Médio

A prática de ensino de Literatura é uma preocupação atual, algumas instâncias da educação nacional como os estados e municípios vêm discutindo sobre a formação de leitores literários. Muito do que se discute refere-se às práticas que estimulem e despertem o interesse de crianças e jovens o hábito da leitura literária.

Outro fator que predomina nas discussões refere-se às perspectivas de estratégias que aprimorem o ensino da Literatura e a seleção de livros que despertem o interesse dos alunos pela leitura. Mas estas discussões não se esgotam, pois o Brasil ainda não atingiu um nível de leitura considerado ideal e ainda está longe disso.

Segundo Chartier (2001, p. 231) “a leitura é uma prática cultural, por isso não é possível conceber a leitura um mero ato de decodificação de letras, a leitura é muito mais, a leitura é apropriação, é tornar o indivíduo autônomo”. Por isso, o fato de crianças e jovens não gostarem de ler preocupa tanto pais quanto professores.

A leitura e a Literatura estão muito próximas e o fato dos alunos não gostarem de ler, conforme os professores pesquisados relataram, demonstra um fator negativo para o ensino de Literatura.

Os dados de pesquisas internacionais comprovam essa peculiaridade que os alunos de Roraima apresentam em comum ao restante dos jovens brasileiros, em 2000, o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), teste que mede a efetividade dos sistemas educacionais, pôs o Brasil em último lugar entre 32 países. Em 2003, ficamos em 37º lugar entre 41 países. O levantamento mostrou que os jovens de 15 e 16 anos não leem, não interpretam textos, nem assimilam de forma correta.

Zilberman (2008, p.50) afirma que “o ensino de Literatura no Ensino Fundamental e Médio enfrenta, já há algum tempo, uma crise devido à necessidade de abandonar o método historiográfico”. Se analisarmos sob o prisma atual, veremos que esta é uma prática muito presente nas escolas, no que tange ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Na prática os professores utilizam como conteúdo o método historiográfico, além de realizar somente leituras e poucos debates. O ensino de Literatura deve ir além, o jovem leitor deve ter acesso ilimitado às obras, procurar desvendar os textos literários proporcionando uma análise, uma infusão ao universo que cada autor apresenta em suas obras.

A escola não permite a entrada no mundo dos livros de forma completa e sim cortando aos pedaços, como no livro didático. Ensina-se literatura para aprender gramática, para revisar a História, a Sociologia, a Psicologia e para redigir melhor. Tornando-se matéria para adornar outras ciências, o texto literário descaracteriza e afasta de si o leitor (BORDINI, 1989, p.9).

Os professores procuram inicialmente cumprir o programa de curso das disciplinas, reclamam sempre que não é possível trabalhar todo o conteúdo porque o tempo é curto, os livros são sempre resumidos e muitas vezes eles próprios precisam elaborar seu material de trabalho, o que não é de todo ruim, pois neste caso deve-se olhar com mais cuidado para os conteúdos a serem trabalhados nas salas de aula.

Dado que a matéria literária é fundida no ensino de linguagem, torna subsidiária do mesmo. Portanto não há interesse especialmente literário no ensino de literatura. (...). O ensino da linguagem visa a capacidade de usar a língua como instrumento de comunicação, enquanto o da literatura pretende acentuar o aspecto estilístico e moral da obra e desenvolver hábitos não profissionais de leitura (COUTINHO, 1952, pp. 24-25).

Osman Lins (1977) apresenta suas inquietações sobre o ensino de Literatura em seu livro “Problemas inculturais brasileiros”, ele fala justamente sobre essa “apatia de que são vítimas os alunos de forma geral; ao massacrá-los com uma teoria aplicada no vazio, já que a experiência do aluno com o texto literário é mínima”, a escola, a academia transforma o aluno em agente passivo do processo.

A fusão do ensino de Língua Portuguesa e Literatura em 1943, em uma única disciplina deixa esse gargalo no caminho dos professores até hoje. Essa diretriz passa a regular tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio, obrigando os professores a se dividirem em lecionar a Língua Portuguesa e a Literatura em encolhidos tempos de 40 minutos, 3 ou 4 vezes por semana. O que torna inviável o ensino de Literatura, tendo em vista a vasta grade curricular de Língua Portuguesa.

2.3 Os documentos balizadores do Ensino Médio na esfera nacional

O documento balizador do ensino de Língua Portuguesa e Literatura são os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Este documento apresenta propostas de mudanças qualitativas para o processo ensino-aprendizagem no nível médio. Estes documentos indicam a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como: pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados, cooperar, proporcionando ao aluno a possibilidade de participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade dos estudos.

Os PCNEM são de alguma maneira validados, por possuírem objetivos primordiais aos jovens leitores, principalmente no que se refere ao trabalho sistemático e organizado com a linguagem. O uso da linguagem é fator primordial para o ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pois é uma área básica para a formação das competências e habilidades necessárias ao educandos. Além disso, “a linguagem tem sido objeto de estudo da Filosofia, Psicologia, Sociologia, Epistemologia, História, Semiótica, Lingüística, Antropologia, etc” (BRASIL, 1999, p. 125).

Os PCNEM apresentam diversas concepções sobre a linguagem, por exemplo, a linguagem utilizada para descrever a natureza que é considerada

transdisciplinar. “a linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade” (BRASIL, 1999, p. 125). Uma das razões apontadas pelos PCNEM é que o principal fator de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido, pois é considerada como uma herança social e uma “realidade primeira”.

Nos Parâmetros a compreensão da arbitrariedade da linguagem pode permitir aos alunos a problematização dos modos de “ver a si mesmos e ao mundo”, das categorias de pensamento, das classificações que são assimiladas como dados indiscutíveis.

A linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer o pensamento e as formas de pensar a comunicação e os modos de comunicar a ação e os modos de agir. Ela é roda inventada, que movimenta o homem e é movimentada pelo homem. Produto e produção cultural, nascida por forças das práticas sociais, a linguagem é humana e, tal como o homem, destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo (BRASIL, 1999, p. 125).

O texto dos PCNEM afirmam que não há linguagem no vazio, que seu grande objetivo é a interação, a comunicação com o outro dentro de um espaço social. Para isso, os PCNEM citam a língua como produto humano e social, que organiza e ordena de forma articulada os dados das experiências comuns aos membros de determinada comunidade linguística. Sobre as práticas sociais os PCNEM afirmam:

Nas práticas sociais, o homem cria a linguagem verbal e a fala. Na e com a linguagem, o homem reproduz e transforma espaços produtivos. A linguagem verbal é um sementeiro infinito de possibilidades de seleção e confrontos entre os agentes sociais coletivos. A linguagem verbal é um dos meios que o homem possui para representar, organizar e transmitir de forma específica o pensamento (BRASIL, 1999, p. 127).

O material apresenta como informação importante algumas competências essenciais, que são a utilização e compreensão dos sistemas simbólicos das diversas linguagens. Além da utilização da linguagem como forma de organização cognitiva, a fim de possibilitar ao aluno explorar a realidade através da constituição de significados, expressão, comunicação e informação, as linguagens carregam em si uma visão de mundo bem diferenciada, com muitos significados. Os PCNEM ressaltam:

Toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, precha de significados e significações que vão além de seu aspecto formal. O estudo apenas do aspecto formal desconsiderando a inter-relação contextual, semântica e gramatical própria da natureza e função da linguagem, desvincula o aluno do caráter intra-subjetivo, intersubjetivo e social da linguagem.

Por exemplo, no estudo da linguagem verbal, a abordagem da norma padrão deve considerar a sua representatividade como variante lingüística de determinado grupo social, e o valor atribuído a ela no contexto das legitimações sociais. Aprende-se a valorizar determinada manifestação, porque socialmente ela representa o poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade. (BRASIL, 1999, p. 126)

Outra competência importante apresentada pelos PCNEM refere-se a questão das sociedades letradas. Apresenta uma ideia geral sobre a constituição do campo artístico, das novas tecnologias que ocasionam mudanças cognitivas e de percepção que pode ser uma abordagem de interesse para todas as disciplinas da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Este documento balizador do ensino de Língua Portuguesa e Literatura ressaltam o estudo da inter-relação produção e recepção:

Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção. As diversas realizações – em tempos diferentes -, a função e o uso das linguagens permitem verificar suas especificidades e selecionar focos de análise. A função e a época de um texto teatral impõem uma organização diferente daquela utilizada em um poema, apesar de haver entre eles uma série de elementos comuns como, por exemplo, ambos serem escritos (1999, p. 127).

Sobre a análise literária os PCNEM ressaltam que deverá ser possível aos alunos de Ensino Médio, comparar os recursos expressivos intrínsecos a cada manifestação da linguagem. Poemas escritos em diferentes épocas apresentam especificidades próprias, e os alunos deverão ser capazes de saber diferenciá-los e procurar integrá-los.

Outro conhecimento necessário ao aluno do Ensino Médio refere-se ao “estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporcionando uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem, incluindo-se aí o texto literário” (1999, pg. 129).

Em uma situação de ensino os PCNEM ressaltam a análise da origem de gêneros e tempos, no campo artístico permite abordar a criação das estéticas que refletem, no texto, o contexto do campo de produção, as escolhas estilísticas,

marcadas de acordo com as lutas discursivas em jogo naquela época/local, ou seja, o caráter intertextual e intra-textual.

Sobre a integração das disciplinas, é importante que os professores procurem possibilitar aos seus alunos diversas atividades práticas que desenvolvam a linguagem. No documento é ressaltado:

Ainda sobre esta concepção a proposição de trabalho na área e a inter-relação entre as disciplinas os professores podem proporcionar aos seus alunos formas de estudo de determinados objetivos comuns, presentes em diferentes linguagens. “As possibilidades de expressão e os diferentes significados históricos e culturais desses objetos podem ser interseccionados à visão das áreas de Ciências Humanas e suas Tecnologias” (BRASIL, 1999, p. 129).

O importante é que o aluno saiba analisar as especificidades, sem perder a visão do todo em que elas estão inseridas, e perceba que as particularidades têm um sentido socialmente construído. Uma competência que é considerada imprescindível ao aluno de ensino médio é a utilização da língua portuguesa como língua mãe e que é responsável pela sua organização do seu conceito de meio social.

Isso tudo irá proporcionar ao aluno a possibilidade de utilizar a linguagem verbal, oral e escrita, representada pela língua materna. Estas linguagens são primordiais para viabilizar a compreensão e o encontro dos discursos utilizados em diferentes esferas da vida social:

É com e pela língua que as formas sociais arbitrárias de divisão de mundo são incorporadas e utilizadas como instrumentos de conhecimento e comunicação. Aprende-se, com a língua, um “sentido imediato de mundo”, que deve ser desvendado, no decorrer de um processo de resgate desse e de outros sentidos possíveis. São apresentadas também as relações lingüísticas, longe de serem uniformes, marcam o poder simbólico acumulados pelos seus protagonistas. Não existe uma competência lingüística abstrata, mas sim, uma delimitada pelas condições de produção/interpretação dos enunciados, determinados pelos contextos de uso da língua. Ela é um código ao mesmo tempo comunicativo e legislativo. Apenas o domínio do código restrito não resulta no sucesso da comunicação. (BRASIL, 1999, p. 129).

O desenvolvimento da competência linguística do aluno no Ensino Médio, dentro dessa perspectiva, não é necessariamente uma regra a ser seguida de maneira unicamente técnica. Mas que esse aluno consiga utilizar essa língua de forma que consiga realizar situações que demandam reflexões, subjetividade e até mesmo objetividade.

Espera-se que o aluno ao final do Ensino Médio, de acordo com os PCNEM(1999, p. 130) consiga atingir os objetivos elencados as competências em relação à compreensão da Língua Portuguesa, que lhe possibilitem:

- Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social;
- A linguagem verbal representa a experiência do ser humano na vida social, sendo que essa não é uniforme. A linguagem é constructo e construtora do social e gera a sociabilidade. Os sentidos e significados gerados na interação social produzem uma linguagem que, apesar de utilizar uma mesma língua, varia na produção e na interpretação;
- A língua Portuguesa é um produto de linguagem e carrega dentro de si uma história de acumulação/redução de significados sociais e culturais. Entretanto, na atualização da língua, há uma variedade de códigos e sub-códigos internacionalizados por situações extra-verbais que determinam as interações verbais estabelecidas.

Como anteriormente mostrado pelos PCNEM, no processo interlocutivo há imposições sociais de hierarquia entre os pares que procuram refrear a verbalização de pensamentos e sentimentos “subalternos” ou não referendados pelas autoridades que autorizam e controlam comportamentos pela linguagem.

Assim, os Parâmetros ressaltam a importância de se dar espaço para a verbalização do não-dito, ou de algo que ficou subentendido, pois é possível dar possibilidade para a construção de múltiplas identidades. Dar voz e vez às diversas representações sociais e culturais é um grande passo para a sistematização da identidade de grupos. De acordo com o documento, respeitá-las e reconhecê-las como legítimas e saber defendê-las em espaços públicos fará com que o aluno reconstrua a auto-estima.

A literatura é um bom exemplo de simbólico verbalizado. Guimarães Rosa procurou no interior de Minas Gerais a matéria-prima de sua obra: cenários, modos de pensar, sentir, agir, de ver o mundo, de falar sobre o mundo, uma bagagem brasileira que resgata a brasilidade. Indo às raízes, devastando imagens pré-conceituosas, legitimou acordos e condutas sociais, por meio da criação estática. Compreender as diferenças não pelo seu “caráter folclórico”, mas como algo com o qual nos identificamos e que faz parte de nós como seres humanos, é o princípio para aceitar aquilo que

não sabemos. Todas as áreas partilham dessa necessidade de conhecimento (BRASIL, 1999, p. 142).

O homem pode ser reconhecido pelos textos que produz. A linguagem que ele utiliza pode marcar sua forma de escrita e assim, possibilitar seu reconhecimento. A língua dispõe dos recursos, mas a organização deles encontra no social sua matéria-prima.

Diversos são os autores que produzem obras que aparentam ter diversas vozes, e essa “diversidade de vozes” mostrada pelos parâmetros que aparece em um mesmo texto. Normalmente, o uso que fazemos desses recursos não é intencional.

A modificação apenas no tom da voz mostra que podemos transformar completamente o sentido; as trocas de letras ou fonemas, muda o significado do texto ou da frase. O texto literário se apropria desse jogo do possível com maestria. Esse é um recurso bastante utilizado pela Literatura, por exemplo.

As competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa e as funcionalidades do discurso:

QUADRO 01:A funcionalidade dos discursos segundo os parâmetros.

Representação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none">• Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes manifestações da linguagem verbal.• Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.• Aplicar as tecnologias de comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes da vida.
Investigação e Compreensão	<ul style="list-style-type: none">• Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis).• Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.• Articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus códigos sociais, contextuais e lingüísticos.
Contextualização sócio-cultural	<ul style="list-style-type: none">• Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social.• Entender os impactos das tecnologias da comunicação, em especial da língua escrita, na vida, nos processos de produção, no desenvolvimento e na vida social.

FONTE: (PCNEM, 1999, p. 145).

Na concepção apresentada pelos parâmetros quanto mais dominamos as possibilidades de uso da língua, mais nos aproximamos da eficácia comunicativa estabelecida como a norma ou a sua transgressão, denominada estilo.

No quadro 1, apresentando as competências e habilidades, se apresentam em três eixos importantes que deverão ser desenvolvidos com os alunos ao longo das três séries do Ensino Médio. O primeiro eixo contempla a representação e comunicação, o aluno de ensino médio terá que ser capaz de perceber as diversas representações da língua e, principalmente, respeitar as diversas variações linguísticas e, além de tudo isso, usar os diversos mecanismos de comunicação que a língua coloca ao seu dispor.

No segundo eixo, o aluno necessita desenvolver também a competência de investigação e compreensão, utilizando diversos recursos da linguagem verbal. Através do texto literário é possível perceber como construir um imaginário coletivo e do patrimônio representativo da cultura.

No terceiro eixo, as concepções defendidas pelos PCNEM demonstram objetivos mais flexíveis no mundo moderno, isso muito contribui com a natureza social da língua. O aluno deverá compreender como as tecnologias da comunicação vão influenciar nos processos de produção, mas influenciará ainda mais em relações da vida social do educando.

Estas competências e habilidades são cruciais para o desempenho futuro dos jovens de Ensino Médio, e a funcionalidade dos discursos, segundo os Parâmetros, estipulam o como e o que dizer. A linguagem verbal é dialógica e só podemos analisá-la em funcionamento, em especial no ato comunicativo. Considerando todos os elementos implicados nesse ato, a língua, na sua atualização, representa e reflete a experiência em ação, as emoções, desejos, necessidades, a visão de mundo, valores e pontos de vista.

3 DISCUTINDO OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa está inserida em uma pesquisa maior, aprovada e financiada pelo CNPq intitulada - Literatura e Ensino em Roraima: O Cânone e a invenção escolar da Amazônia – que visa pesquisar sobre a leitura literária escolar no Estado de Roraima.

É importante ressaltar a valiosa participação das escolas que autorizaram seus professores a participarem e, principalmente a iniciativa de responder os questionários de pesquisa. Por uma questão ética, os nomes dos professores e das escolas serão preservados, mas os questionários estão todos arquivados para futuras consultas, se necessário.

Neste capítulo será apresentado o enquadramento da pesquisa, justificativa para seleção do tema, o tipo de pesquisa, o local de realização da pesquisa, a população e amostragem e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Segundo Vergara (2007, p. 47), “através da pesquisa científica é possível escolher o conhecimento específico que se refere à utilização de instrumentos de captação ou mesmo manipulação da realidade”. Está ligada e associada a caminhos, formas, maneiras, procedimentos para alcançar determinado fim. É através dela que se busca construir um instrumento para avaliar o grau de descentralização decisória de uma organização.

Todas as escolas são públicas, tendo em vista que se pretendia colher dados específicos da realidade das escolas públicas da capital do Estado. No total são 15 professores pesquisados, todos moradores do município, graduados, sendo 14 licenciados e um bacharel, 12 professores afirmam ser especialistas e três não responderam a questão.

O tempo de regência revelado pelos professores variou de seis a 27 anos, e o tempo de regência especificamente em Língua Portuguesa/Literatura variou de um a 20 anos. Quanto ao tempo de atuação na escola houve uma diminuição no tempo de serviço dos professores, houve uma variação de dois meses até 12 anos, números que demonstram a rotatividade dos professores nas escolas.

Foram entregues no total 63 questionários em todas as 21 escolas de Ensino Médio da capital, todavia são apresentados os dados de 15 escolas que responderam os questionários. O critério de escolha da amostra foi de um professor por escola, e o questionário selecionado é do professor mais antigo da escola.

Destas nenhuma é escola rural, todas são urbanas, o que significa um total de 72% das escolas de Ensino Médio Regular da capital, um número significativo.

3.1 Tipo de Pesquisa

Este trabalho teve por objetivo investigar o ensino de Literatura praticado nas escolas de Ensino Médio da cidade de Boa Vista, em Roraima, no tocante ao trabalho realizado pelos professores de Língua Portuguesa e Literatura.

O interesse pela temática surgiu na universidade, por ter participado como aluna no Curso de Especialização em Alfabetização, oferecido pela Universidade Federal de Roraima, e como discente, entrei em contato com as mais diversas leituras voltadas para este tema.

A pesquisa ocorreu nos meses de abril, maio, agosto e setembro de 2011, com um longo intervalo de dois meses, em junho e julho de 2011. Este intervalo foi devido às fortes chuvas ocorridas em todo o Estado de Roraima. As enchentes e alagamentos ocasionaram a paralisação e recesso antecipado das aulas nas escolas que atendem o Ensino Médio na capital. Ressalto que este foi um fator considerável no atraso da conclusão da pesquisa, tendo em vista que o recesso antecipado devido às chuvas, não permitiu acesso às escolas que estavam sendo pesquisadas.

Esta pesquisa demandou a escolha da abordagem qualitativa, mas também se tornou necessário trabalhar em conjunto a abordagem quantitativa, tendo em vista o número de pesquisados selecionados. Teve como objeto de estudo o ensino da Literatura em salas de aula de Ensino Médio e propôs-se à análise dos papéis dos professores no seu contexto, neste sentido foi primordial a escolha das duas abordagens.

Utilizar dados quantitativos em uma pesquisa qualitativa é possível, visto que, face ao novo paradigma da ciência contemporânea, no processo de construção do conhecimento, segundo Oliveira (2007, p.58) “deve-se incluir a descrição de todos os fenômenos naturais”. E mais ainda, como diz Claudionor Oliveira (*apud* Oliveira 2007, p. 58) “as propriedades das partes só podem ser compreendidas a partir da dinâmica do todo”. Por isso estes dois tipos de abordagens não são excludentes, pois, quando se utiliza uma pesquisa qualitativa, algumas vezes será necessário recorrer aos dados quantitativos, visando melhorar a análise.

Segundo Neves (1996, p. 1), nos contextos gerais, a pesquisa qualitativa detecta a presença ou não de algum fenômeno, sem que se importe com sua magnitude ou intensidade.

No caso da pesquisa qualitativa, o mundo é conhecido por intermédio de experiências e senso comum (conhecimento intuitivo), em oposição às abstrações (moldes) da pesquisa quantitativa. Os métodos qualitativos e quantitativos não são de forma alguma excludentes, embora difiram quanto ao modo e à ênfase, desta forma esta pesquisa está pautada nas duas abordagens.

Parte desta pesquisa, segundo os objetivos elencados no projeto, é do tipo bibliográfico, pois, demandou estudos bibliográficos para sua interpretação. Há também um caráter descritivo, tendo em vista o objeto estudado que é o ensino de Literatura. Rudio (1999, p. 57) destaca a pesquisa descritiva como sendo “a pesquisa que está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”. Procurou-se de alguma forma explicar com profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de um questionário com questões abertas e fechadas.

3.2 Local, população e amostragem

A pesquisa aconteceu na capital Boa Vista em Roraima, abrangendo as 21 escolas de Ensino Médio regular, nesse total não estão incluídas as escolas indígenas. As escolas estão localizadas em todas as regiões geográficas da Capital.

Em pesquisa, o termo população ou universo significa a totalidade de pessoas que habita uma determinada área geográfica, ou conjunto de elementos que compõem o objeto de estudo. Segundo Oliveira (2007, p. 87) “nem sempre é possível pesquisar a totalidade desses elementos, ou todas as pessoas e grupos que se situam na área que delimitamos para a pesquisa de campo”. Portanto, cabe ao pesquisador, a partir da totalidade (universo), definir o tamanho da sua amostra.

A população de pesquisados é composta por 86 professores de Língua Portuguesa e Literatura, lotados em 21 escolas de Ensino Médio. Foi definido como amostragem um total de 15 professores, sendo escolhido apenas um professor por escola. Optou-se por considerar como critério de seleção, os questionários dos professores com maior tempo lecionando na escola.

Foram entregues de 3 a 4 questionários por escola, sendo que, das 21 escolas foram escolhidas 15 para participar, sendo este um total representativo, tendo em vista que totaliza 72% das escolas do município.

3.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados

Para realizar a pesquisa foi feito um contato inicial com a Gestão das escolas, uma primeira visita para apresentação da pesquisa à direção, aos coordenadores e aos professores e convidar a escola a participar da mesma.

Uma segunda visita foi feita para entrega dos questionários aos professores que aceitaram participar e combinar prazos para devolução. Os questionários eram compostos por 37 questões, sendo 33 questões com perguntas abertas e, 4 questões com perguntas fechadas.

A terceira visita era para devolução dos questionários e em alguns casos os professores tiravam dúvidas sobre alguma questão que não tinha ficado clara. Ressalto que em algumas escolas foram feitas mais de 5 visitas para conseguir a devolução dos questionários. Alguns pesquisados esqueciam em casa ou não haviam respondido.

Para a análise foi feita uma leitura de todos os questionários, uma tabulação inicial em formato de tabela, ou seja, uma matriz geral, desta forma era possível perceber as questões consideradas importantes para discussão. Além da tabela, realizei uma descrição de todos os dados coletados, nessa dinâmica segui Botin (1997, p. 133) que afirma “não ser possível tratar os dados de uma só forma” . Após esta análise inicial, com dados sistematizados em tabela, dei prosseguimento realizando uma descrição das respostas dos professores.

Considerando que determinei um total de professores aptos a responder o questionário, esta amostra é não-probabilística e classificada como amostra por cotas, segundo Oliveira (2007, p. 89), “este tipo de amostra deve ser de fato uma réplica da população”.

Após as leituras e compilações dos dados em tabelas, foram realizadas diversas leituras para sustentação teórica deste estudo. O levantamento bibliográfico foi importante para dar fundamento à análise, e proporcionar uma interação entre a teoria e a análise dos dados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AS PRÁTICAS DE ENSINO DE LITERATURA EM BOA VISTA - RORAIMA

4.1 Traçando o perfil dos professores

A seguir inicio a apresentação das tabelas, e abaixo de cada uma delas, apresento uma descrição dos dados coletados. Após cada bloco de tabelas apresento a discussão e análise nas páginas posteriores. Ressalto que suprimi as tabelas que se referem às questões sobre local em que residem os professores, as questões sobre os municípios na qual trabalham, tendo em vista que todos possuem domicílio em Boa Vista – RR.

As tabelas deste primeiro bloco demonstram características importantes para definir o perfil profissional dos pesquisados. Sobre a formação dos participantes, os resultados foram os seguintes:

TABELA 1: Quantidade de professores.

TITULAÇÃO	QUANT. PROFESSORES
Ensino médio	0
Graduando	0
Licenciado	8
Bacharel	1
Não respondeu	6

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Dos 15 professores pesquisados, oito professores possuem licenciatura em Letras, um é bacharel em seis não assinalaram a questão. A tabela a seguir demonstra a formação continuada dos professores, em especial o curso de pós-graduação de cada um deles:

TABELA 2: Pós-Graduação.

TITULAÇÃO	QUANT. PROFESSORES
Especialista	12
Mestre	0
Doutor	0
Outros	0

Não Respondeu	3
----------------------	---

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Dos pesquisados, 10 professores são especialistas com atuação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, uma em Gestão Escolar, uma em Gestão de Sistemas Educacionais e três que não responderam.

A próxima tabela apresenta o município de moradia dos entrevistados:

TABELA 3: Município em que reside.

MUNICÍPIO	QUANT. PROFESSORES
Boa Vista	14
Não respondeu	1

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Quatorze professores moram na capital Boa Vista, e apenas um professor não respondeu a questão. Este fator é importante, pois demonstra que não existe a necessidade dos professores percorrerem longas distâncias para chegar à escola, como acontecem em alguns municípios vizinhos.

A tabela a seguir apresenta dados sobre atuação profissional dos pesquisados no mesmo município que residem:

TABELA 4: Atua no mesmo município que mora.

RESPOSTA	QUANT. PROFESSORES
Sim	14
Não	0
Não respondeu	1

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Quatorze professores trabalham na capital Boa Vista e apenas uma professora não respondeu a questão, esse fator demonstra o acesso dos professores às escolas da rede pública, tendo em vista que em outras regiões de nosso estado os professores precisam deslocar-se muitos quilômetros para chegar à escola, isso demanda tempo, condução própria ou particular e um desgaste físico do professor.

Os dados coletados sobre a atuação profissional dos professores, na área de Língua Portuguesa e Literatura:

TABELA 5: Atua na sua área de formação.

RESPOSTA	QUANT. PROFESSORES
Sim	13
Não	1
Não respondeu	1

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

De todos os pesquisados, 13 atuam na área em que são formados, demonstrando que a lotação dos professores na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura é respeitada pela Secretaria Estadual de Educação. Do total um não respondeu a questão e um não trabalha na sua área de formação.

A seguinte tabela demonstra dados sobre o tempo de atuação como professor, o tempo de regência na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, o tempo de atuação na escola e se gosta de ser professor:

TABELA 6: Tempo de regência, tempo em Língua Portuguesa/Literatura, tempo de atuação na escola e se gosta de ser professor.

PROFESSOR	*T.R	**T.R.L.P	***T.E.A	****G.E.P
P1	09	04	04	sim
P2	12	12	12	sim
P3	27	01	01	sim
P4	6	06	10 meses	Sim
P5	11	05	01	Sim
P6	23	n.respondeu	06	Sim
P7	08	02	08	Adoro
P8	20	20	2 meses	Sim
P9	11	02	3 anos	Sim
P10	10	10	05	Sim
P11	18	18	05	Sim
P12	n.respondeu	n.respondeu	06	Muito
P13	11	11	02	Sim
P14	17	17	01	Sim
P15	13	13	12	Adoro

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

*Tempo de Regência

**Tempo de Regência em Língua Portuguesa e Literatura

***Tempo de Regência na Escola Atual

****Gosta de ser professor

O tempo de regência como professores varia entre seis e 27 anos, mostrando que a maioria dos professores são experientes e têm uma prática já regular no Ensino de Literatura em turmas de Ensino Médio.

Quando questionados sobre o “gostar de ser professor”, todos foram unânimes em afirmar que sim que gostam de ser professores. Alguns ressaltam como é estar nessa profissão, os professores 8 e 10 **“É desgastante, desafiadora, porém plena de surpresas agradáveis”, “é árdua, mas é uma boa profissão”**. Outros afirmam o orgulho de serem professores: P5: **“gosto, me causa orgulho”**.

Os professores pesquisados são licenciados em Letras, apenas um é bacharel. Quando entreguei os questionários, um dos requisitos para participação era estar lotado na disciplina de Língua Portuguesa ou Literatura, em turmas de Ensino Médio. Quatorze professores trabalham e moram na capital e Boa Vista, e apenas um não respondeu a questão. Aproveito para informar que o P7 não respondeu a segunda folha do questionário, por isso vai ser uma constante na tabela algumas perguntas não terem sido respondidas pelo referido professor.

Os participantes são concursados ou seletivados da Secretaria de Educação do Estado. Do universo pesquisado, 10 são professores do sexo feminino e 5 do sexo masculino.

Analisando os dados da tabela 6, e observando a coluna 1, que apresenta o tempo de regência, temos uma variação considerável entre o tempo de serviço dos professores, são três pesquisados com mais de 20 anos em sala de aula, oito com mais de 10 anos, três com menos de 10 anos e apenas um não respondeu. Estes dados ressaltam o tempo de magistério, revelando que os professores são experientes em sala de aula.

Ainda na tabela 6, aparecem alguns dados importantes, pois mostram que estes mesmos professores, que parecem ter bastante tempo em sala de aula, também possuem um tempo razoável lecionando a disciplina de Língua Portuguesa/Literatura. A coluna 2 apresenta um grupo de 07 professores com mais de 10 anos lecionando Língua Portuguesa/Literatura; dois com mais de cinco anos e quatro com menos de cinco anos. Destes, apenas um permanece na escola igual período de tempo, que é o professor 2, ele leciona há 12 anos, sendo este mesmo período trabalhando com a disciplina Língua Portuguesa/Literatura, na mesma escola.

Este grupo de pesquisados apresenta um tempo considerável lecionando a disciplina. Alguns até apresentam um fator importante em relação ao seu trabalho, tendo em vista que, além de apresentar bastante tempo lecionando Literatura, tem um período igual lecionando na mesma escola. Isto possibilita ao professor um acompanhamento sistemático e o desenvolvimento de um trabalho contínuo com os alunos do Ensino Médio.

Ao serem questionados sobre o gosto pela profissão, todos foram unânimes em afirmar sim, que gostam e “muito” de ser professores. Mas, ao responderem a questão sobre suas preferências em dar aula de Língua Portuguesa/Literatura, apenas dois professores responderam gostar de dar aulas somente de literatura, oito professores disseram preferir Língua Portuguesa/Literatura, o restante afirma gostar de trabalhar com outras disciplinas conjugadas, como Inglês, e três são categóricos em afirmar que gostam apenas de Português.

4.2 O professor: as preferências literárias e o livro ideal

Sobre as preferências dos pesquisados, as próximas tabelas vão apresentar dados que demonstram as escolhas dos professores quando se refere ao ensino de Literatura, sobre os hábitos de leitura de cada um deles, os tipos de leitura que gostam e os autores preferidos:

TABELA 7: Você Prefere dar aula de Língua Portuguesa/Literatura ou outra Disciplina?

DISCIPLINA	QUANT. PROFESSORES
Português/literatura	8
Português/literatura/inglês	2
Literatura	2
Português	3

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Quando questionados sobre suas preferências em relação à disciplina de língua portuguesa/literatura se preferem ministrar sozinha ou conjugada com outra língua as respostas foram as seguintes: oito dos 15 professores pesquisados preferem ministrar apenas português e literatura, dois preferem conjugar com inglês, dois preferem apenas literatura e três preferem apenas português.

Sobre o hábito de leitura dos pesquisados e a freqüência com que realizam este ato:

TABELA 8: Você tem o Hábito/Gosta de Ler? Com qual Freqüência?

RESPOSTA	QUANT. PROFESSORES
Sim	15
Não	0
Não respondeu	0

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Quanto ao hábito e gosto pela leitura, todos foram unânimes em afirmar que sim, tem hábito e gostam de ler, sendo que a freqüência foi descrita da seguinte forma:

P1: “Sempre”;

P2, P6, P10, P12 e P14: “Diariamente”;

P3: “Sempre gostei de ler, criei este hábito, e estou constantemente lendo”;

P4: “Em média 3 livros por mês”;

P5 : “Gosto de ler, faço minha leitura quando me aparece tempo”;

P7: “Todos os dias”;

P8, P11 e P15: “Quase todos os dias”;

P9: “Raramente”;

P13: “Sim, leio o jornal (eletrônico, diariamente), textos teóricos de literatura e linguagem, constantemente”.

O que chama atenção nestas respostas são os dois professores que afirmam somente fazer leitura quando lhes “aparece tempo”, ou “raramente”. Deve ser difícil realizar escolhas de obras, ou fazer uma leitura mais apurada de uma obra, quando não é possível realizar leituras. Isso pode ser considerado um entrave para o desenvolvimento da disciplina de Literatura destes professores.

A realidade dos professores locais é justamente a carga horária de trabalho excessiva, para a grande maioria são duas, em alguns casos até três jornadas de trabalho, sobrando pouco tempo para realizar leituras, sejam elas para estudo ou para lazer.

O que é positivo é que de alguma forma os professores procuram realizar leituras diárias, algumas apenas para manter-se atualizados como o caso do P13.

Oito professores afirmaram ler todos os dias, comprovando que é um hábito a leitura diária, apesar das jornadas de trabalho exaustivas.

Além do hábito de leitura diária, os professores sinalizam o tipo preferido de leitura:

TABELA 9: Que tipo de leitura você gosta?

PROF.	RESPOSTAS
P1	“Todos lêem romances, novelas, fábulas, gosto de ler e interpretar sonetos gosto de comédias”
P2	“Informativa, crônicas e romances”
P3	“Gosto de leituras informativas prefiro leitura clássica”
P4	“Literária e Informativa”
P5	“Barroca”
P6	“Informativos e literários”
P7	“Informativos, didáticos e romances”
P8	“Romance, auto ajuda, gênero lírico”
P9	“Informativa”
P10	“Vários – textos de atualidade, romances, etc.”
P11	“Contos, poesias e romances”
P12	“Informativos e literários”
P13	“Sobre educação e linguagem”
P14	“Romances, crônicas, contos, jornalismo, religioso”
P15	“Textos técnicos e romances”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

As leituras mais citadas foram romance sete vezes, informativa seis vezes, auto-ajuda duas vezes, poesias duas vezes, crônicas duas vezes, contos duas vezes, leitura jornalística uma vez, novelas uma vez, religiosa uma vez, sobre educação uma vez, linguagem uma vez, didáticos uma vez.

A leitura preferida do professor é o romance, e em segunda opção vem a leitura informativa. De maneira geral a literatura prevalece de alguma forma nas escolhas dos professores, sendo o romance uma obra de cunho literário,

demonstrando um cuidado do professor em procurar priorizar a literatura em suas escolhas.

Em segunda opção os professores que citaram a leitura informativa, revelam manter-se em constante atualização, procurando sempre ir em busca de novos conhecimentos.

Sobre os autores preferidos dos professores pesquisados:

TABELA10: Qual o autor de sua preferência?

PROF.	RESPOSTAS
P1	“Não tem um, dou a devida ênfase a todos: Camões, Machado, Fernando Pessoa, etc.”
P2	“Machado de Assis”
P3	“Sidney Sheldon”
P4	“Pedro Bandeira”
P5	“Cecília Meireles”
P6	“Clarice Lispector”
P7	“Machado de Assis, Graciliano Ramos”
P8	“Maria Helena Matarazzo”
P9	“Graciliano Ramos”
P10	“Machado de Assis, Alexandre Dumas”
P11	“Gabriel Garcia Marques”
P12	“Augusto Cury”
P13	“Sírio Possenti e Luís Fernando Veríssimo”
P14	“Clarice Lispector”
P15	“Max Haetinger”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Os autores mais citados foram Machado de Assis, Graciliano Ramos, como primeira opção mais citada, e na seqüência Cecília Meireles, Clarice Lispector, Pedro Bandeira, Maria Helena Matarazzo, Gabriel Garcia Marques, Augusto Cury, Sírio Possenti, Luis Fernando Veríssimo e Max Haetinger com apenas uma citação.

Sobre os autores nacionais, os pesquisados sinalizam os mais lidos:

TABELA 11: Dentre os Nacionais, qual de sua Preferência?

PROF.	RESPOSTAS
P1	“Não há como determinar um, são vários: Machado, Carlos Drumond, Fernando Pessoa, etc.,”
P2	“Machado de Assis, Dráuzio Varela”
P3	“Carlos Drumond”
P4	“Pedro Bandeira”
P5	“Cecília Meireles”
P6	“Oswald de Andrade”
P7	“Graciliano Ramos”
P8	“Paulo Coelho”
P9	“Graciliano Ramos”
P10	“Machado de Assis”
P11	“Luís Vilela”
P12	“Henry...”
P13	“Sírio Possenti e Luís Fernando Veríssimo”
P14	“Clarice Lispector”
P15	“Max Haetinger e Machado de Assis”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Dentre os autores nacionais os mais citados pelos professores são: Machado de Assis citado quatro vezes, Carlos Drumond duas vezes, Fernando Pessoa, Dráuzio Varela, Pedro Bandeira, Cecília Meireles, Oswald de Andrade, Paulo Coelho, Graciliano Ramos, Luís Vilela, Clarice Lispector, Max Haetinger, Sírio Possenti, Luís Fernando e Henry citados apenas uma vez.

O curioso é o P12 que citou um autor chamado Henry, sem especificar o sobrenome, como um autor nacional, acredito que o referido professor não compreendeu a questão ou realmente não soube citar nenhum autor nacional.

Sobre o livro ideal, os dados demonstram o que os pesquisados consideram um bom livro:

TABELA 12:O que você considera um bom livro?

PROF.	RESPOSTAS
P1	“Que tenha conteúdo, que de maneira inteligente e agradável te faça conhecer outros mundos, viajar no passado, que te forneça algo seguro.”
P2	“Aquele que me emociona.”
P3	“Aquele que atrai o leitor e o estimule a continuar.”
P4	“O que além de entreter me forneça conhecimento também.”
P5	Livros que contenham em seu enredo, uma lição de vida, como auto-ajuda.
P6	“De fácil entendimento para o povo.”
P7	“Com contexto bem definido e atual.”
P8	“Com capítulos curtos e uma linguagem direta.”
P9	“O livro que leva a refletir sobre o contexto social.”
P10	“Aquele que nos faz viajar e refletir.”
P11	“Aquele que você não quer parar de ler.”
P12	“Aquele que edifica e ensina.”
P13	“De um modo geral me dão bastante prazer.”
P14	“Aquele que transforma a minha vida.”
P15	“Aquele que te acrescenta algo de maneira agradável.”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

De acordo com as respostas dadas pelos pesquisados é possível fazer uma subcategoria nos livros mais citados, considerando que as respostas se assemelham em alguns casos foi possível dividir da seguinte forma: 4 professores se enquadram na preferência por livros categorizados como Didáticos/moralistas. Outros 4 professores citam livros que se enquadram na subcategoria Fruitivos/prazer/catarse. Apenas dois selecionaram livros considerados Fáceis. E por fim dois citaram livros considerados textuais/críticos. A definição de cada uma destas categorias é apresentada na análise da página 62.

Sobre a leitura por prazer ou por obrigação, os dados dos pesquisados são os seguintes:

TABELA 13: Você Lê por prazer ou por Obrigação?

PROF.	RESPOSTAS
P1	“As duas coisas, na maioria das vezes por prazer, mas leio também por obrigação”
P2	“Leio por prazer e obrigação”
P3	“Prazer”
P4	“Prazer”
P5	“Nos tempos em que vivo tenho lido muito por obrigação”
P6	“Prazer”
P7	“Prazer”
P8	“Por prazer”
P9	“Por prazer”
P10	“As duas coisas”
P11	“Leio por prazer e, algumas vezes por obrigação”
P12	“Por prazer”
P13	“As duas maneiras”
P14	“Por prazer”
P15	“Depende do texto”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Dando continuidade ao questionário os professores discorreram sobre a sua leitura se é feita por “prazer” ou “obrigação”, oito professores afirmaram ler por prazer, enquanto cinco professores afirmam ler tanto por prazer quanto por obrigação, e um afirma ter um tempo muito corrido por isso tem lido mais por obrigação, e por fim um professor que afirma dependendo do texto pode ler tanto por prazer quanto por obrigação.

Apesar do tempo de experiência e o tempo considerável lecionando a disciplina Língua Portuguesa não é possível afirmar que todos os professores tenham a formação considerada ideal para lecionar a disciplina.

Quando questionados sobre suas preferências de autores, alguns não souberam precisar nem mesmo o nome do autor preferido, outros foram evasivos

em suas respostas, apresentando nome de autores que não são considerados do cânone literário.

Um ponto semelhante relacionado à questão foi sobre o tipo de leitura preferido. Alguns professores citaram com precisão suas preferências como leitura informativa ou jornalística, e outro citou de forma evasiva a leitura referente ao período barroco. Do ponto de vista literário, a Literatura Barroca não é uma leitura de fácil entendimento e exige muita habilidade do leitor. Levanto a questão se este professor conhece a definição do que seja a Literatura Barroca, ou só não tem o hábito de ler e respondeu somente sem objetividade.

Na tabela oito, quando perguntados se gostam de ler, todos afirmaram que sim, gostam de ler, mas se compararmos as informações contidas na Tabela 7 verifica-se uma contradição, em um grupo de 15 professores que afirmam gostar de ler, apenas dois gostam de ministrar os conteúdos da disciplina Literatura, para a qual sabemos ser necessária uma afinidade com a leitura.

Um fator que chama atenção são as respostas dadas pelos professores, quando solicitado que eles revelem a frequência com que leem. Dois responderam da seguinte maneira: P5 afirma que gosta de ler, mas que faz sua leitura “quando aparece tempo”, já o P9 coloca como resposta a frequência “raramente”.

Com uma análise rigorosa destas respostas, fica a contradição de alguns deles, que afirmam gostarem de ler, mas, considerando suas respostas, na prática não parece acontecer. Cruzando estes dados fica explícito que o trabalho realizado com a Literatura não demanda empenho de alguns professores, levando em consideração que não dispõem de tempo para realizar as leituras.

Fazendo um recorte específico sobre este dado, um fator observado sobre o P5, quando questionado sobre de que tipo de leitura gosta, o mesmo afirma gostar de “barroco”, mas quando solicitado que cite os autores de sua preferência ele responde Cecília Meireles.

Cecília Meireles não é uma autora de escrita barroca, o que torna curiosa essa relação, o professor afirma gostar de um tipo de literatura, e elege um autor de outro período literário como preferido.

Ao ser questionado sobre o que é considerado um bom livro, o professor 5 responde considerar um bom livro “aquele que contenha em seu enredo, uma lição de vida, como auto-ajuda”. Não é possível estabelecer uma relação, tendo em vista

que este professor cita a leitura barroca como preferida, Cecília Meireles como sua autora preferida e livros de auto-ajuda.

Como não foi possível fazer uma investigação precisa sobre o planejamento dos professores, fica a dúvida em relação ao trabalho realizado pelo referido professor, como é possível ensinar literatura, se não há o conhecimento nem mesmo dos períodos ou das escolas literárias?

Ele não consegue definir que tipo de literatura é de sua preferência, ou mesmo que autor faz parte do período literário que diz ser de sua preferência, ao ser questionado as respostas deste professor são contraditórias. Fica a reflexão sobre a formação continua deste professor, percebe-se que não há o devido conhecimento e isso sem dúvida contribui para um ensino de qualidade duvidosa.

Quanto aos tipos de literatura preferidos, foram os mais diversos, romances, novelas, informativas, auto-ajuda, lírico, comédias entre outros. Os autores mais citados como preferência foram Machado de Assis, Clarice Lispector, Graciliano Ramos e Cecília Meireles. Mas alguns professores citaram nomes que não são considerados canônicos como por exemplo, Max Haetinger e Maria Helena Matarazzo.

Sobre as leituras realizadas pelos professores, o romance é o mais citado, demonstrando que o grupo de professores pesquisados, de alguma maneira tem realizado leituras literárias, mesmo quando afirmam não terem tempo. O segundo tipo mais citado foi a informativa, demonstrando uma característica também bem peculiar deste grupo, que é a preocupação em se manter informado. Mas ressalta-se uma presença marcante nas respostas dos livros de auto-ajuda, sete professores responderam preferir esse tipo de leitura.

Para a formação de leitores literários é importante que este professor tenha uma boa formação e esteja em constante contato com as obras literárias, não desprezando as obras de auto-ajuda, mas que o ideal é um contato constante com as obras literárias canônicas.

Os autores nacionais mais citados foram Machado de Assis e Graciliano Ramos, quando aparecem nomes como Fernando Pessoa e Henry na pergunta relacionada aos autores nacionais, estes professores deixam explícito que não conhecem autores nacionais ou não sabem diferenciar os nacionais dos estrangeiros, explicitando uma formação duvidosa ou deficiente.

Quando questionados sobre os autores nacionais de sua preferência (Tabela 11), muitos autores consagrados foram citados, e foi possível fazer uma divisão em duas categorias de autores, canônicos e não-canônicos.

Entre os canônicos: P7 e P9 citando Graciliano Ramos, P2, P10 e P15 citando Machado de Assis, P1, P3, P5, P6 citando Carlos Drummond Andrade, Cecília Meireles e Oswald Andrade respectivamente.

Entre os prováveis não-canônicos, no que tange a tradição literária brasileira, estão P4, P8, P11, P15 citando Pedro Bandeira, Paulo Coelho, Luis Vilela e Max Haetinger, o Professor 12 não soube precisar o nome do autor respondendo apenas “Henry...”.

Como é possível observar a maioria dos pesquisados, cerca de nove professores ressaltam a preferência por autores nacionais consagrados e que estão inseridos na categoria dos canônicos e quatro professores citam autores não-canônicos, mas que são obras muito vendidas nas livrarias nacionais, demonstrando um senso comum em relação a obras escolhidas, e um dos professores não citou nenhum autor.

Os professores opinaram sobre o que eles consideram como um bom livro e as respostas variaram desde: “aquele que emociona”, como “aquele que você não quer parar de ler”, foram diversas definições apresentadas, por isso apresentamos uma divisão dos tipos preferidos dos professores.

De acordo com as respostas dadas pelos pesquisados é possível fazer uma subdivisão em Didáticos/moralistas, Fruitivos/prazer/catarse, Fáceis e textuais/críticos. Os didáticos/moralistas são os livros que, para os professores vão trazer algum tipo de aprendizagem, seja ela didática ou moral.

Os Fruitivos/prazer/catarse são livros que possuem uma leitura que emocione, que dê prazer. Já os fáceis são aqueles livros com leitura direta, com linguagem simples, tornando a leitura mais rápida e fácil. Os livros que se enquadram na subdivisão contextuais/críticos são os livros que, de alguma forma, despertam o senso crítico do leitor, um olhar mais criterioso sobre o contexto apresentado.

Nas respostas dos 15 professores, as citações que se consideram Didáticos/moralistas estão os seguintes professores: P1: “ Que tenha conteúdo, que de maneira inteligente e agradável te faça conhecer outros mundos, viajar no passado, que te forneça algo seguro”; P4: “o que além de entreter me forneça

conhecimento também”, P5: “Livros que contenham em seu enredo, uma lição de vida, como auto-ajuda”, e P12: “Aquele que edifica e ensina”.

Na categoria de Fruitivos/Prazer/Catarse estão os professores: P3: “Aquele que atrai o leitor e o estimule a continuar”; P2: “Aquele que emociona”; P11: “Aquele que você não quer parar de ler” e P13: “De um modo geral me dão bastante prazer”.

Na categoria de literatura considerada “fácil” estão: P6: “ De fácil entendimento para o povo”, P8: “Com capítulos curtos e uma linguagem direta”.

Na categoria de textuais/críticos estão relacionados os seguintes: P9: “O livro que leva a refletir sobre o contexto social”, P7: “ com contexto bem definido e atual”.

Como se observa, as respostas dos professores envolvem tanto uma leitura mais rápida, mas principalmente a maioria dos professores possui uma prática de leitura considerada didática, que além de prazer, traga conhecimento. Estes dados demonstram a preocupação dos educadores em melhorar ainda mais suas habilidades de leitura e, conseqüentemente, o ensino de Literatura. Desta forma procuram enriquecer sua formação profissional. Esta é uma característica positiva, mesmo com uma carga horária em dois turnos, com pouco tempo para leitura, alguns deles procuram buscar conhecimento, mas outros procuram livros de leitura fácil e sucinta.

4.3 A Biblioteca e o Professor

Para desenvolver o ensino de literatura, a utilização da Biblioteca é imprescindível. Uma biblioteca bem aparelhada como um acervo atual e vasto, colabora para as aulas dos professores que tem o hábito de levar seus alunos a este espaço que muitas vezes é esquecido pelos gestores escolares.

Neste tópico são apresentados os dados referentes à relação do professor com os textos literários, com as bibliotecas disponíveis na capital Boa Vista e as bibliotecas escolares. Estão compilados nas próximas tabelas, como os pesquisados adquirem os livros que utilizam na sua vida pessoal e profissional, assim como os livros utilizados nas aulas de Literatura:

TABELA 14: Você se identifica com textos Literários? Quais são Eles?

PROF.	RESPOSTAS
P1	“Gosto muito de sonetos e romances”
P2	“Sim, crônicas, contos, poemas, romances”
P3	“Sim, entre os clássicos, A moreninha, O tronco do Ipê, Iracema, Escrava Isaura, entre outros”
P4	“Sim, contos”
P5	“Sim, textos que mostram as mudanças, os avanços como nos modernos e a época tecnicista.”
P6	“Sim, poesias, romances, artigos, contos, crônicas”
P7	“Sim, romantismo”
P8	“Sim, textos (poemas) do romantismo”
P9	“Textos épicos”
P10	“As vezes, os romances realistas/naturalistas, Dom Casmurro, o Cortiço”
P11	“Todos.”
P12	“Sim”.
P13	“Sim, muitos”.
P14	“Sim, fábulas de MillorFernandes”
P15	“Não mencionou”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Os professores citaram sonetos, romances (duas vezes), crônicas (duas vezes), contos (três vezes), poemas, clássicos, textos épicos, fábulas, apenas uma vez citados e quatro professores que disseram sim, que gostam, mas não mencionaram que tipo. As análises deste tópico estão na página 77.

Os dados sobre o que, ou quem incentiva os professores pesquisados a ler são os seguintes:

TABELA 15:O que ou quem o incentiva a ler?

PROF.	RESPOSTAS
P1	Família, amigos, escola, igreja, formação acadêmica, vontade própria.
P2	Amigos, escola, formação acadêmica.
P3	Escola, formação acadêmica, outros.
P4	Formação acadêmica.
P5	Escola, formação acadêmica,
P6	TV, Igreja, formação acadêmica.
P7	Não assinalou
P8	Formação acadêmica, outros.
P9	Formação acadêmica, vontade própria.
P10	Família, formação acadêmica, outros.
P11	Família, escola, formação acadêmica.
P12	TV, formação acadêmica.
P13	Formação acadêmica, profissão.
P14	Outros.
P15	Família, escola.

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Sobre quem ou o que incentiva esses educadores a lerem, a franca maioria apontou em responder que a “formação acadêmica” é seu maior incentivador, e sendo apontadas, a família e a escola em segundo lugar, e amigos, TV e igreja os terceiros mais citados.

Esses dados demonstram a preocupação dos professores em manter-se atualizados, sem dúvida isso é importante nesse processo de aprendizado da literatura. O professor que procura manter-se em contato com o conhecimento teórico, proporciona uma prática literária muito mais enriquecedora para os alunos, além de acrescentar muito ao seu repertório literário.

Quanto à biblioteca pessoal do professor, a próxima tabela apresenta os dados quantitativos do acervo pessoal dos pesquisados.

TABELA 16: Possui livros em casa? (em caso afirmativo, quantos, mais ou menos?)

PROF.	QUANTIDADE DE LIVROS
P1	“Muitos”
P2	“32 (entre didáticos e paradidáticos)”
P3	“500”
P4	“+ de 40’
P5	“Vários”
P6	“90”
P7	“100”
P8	“100”
P9	“tenho uma vasta biblioteca, não sei precisar quantos”
P10	“Sim”
P11	“não respondeu”
P12	“tem, mas não sei”
P13	“Sim, não sei”
P14	“50 livros”
P15	“Mais de 30”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

A quantidade é variada, 9 pesquisados afirmam possuir livros, mas não sabem precisar exatamente quanto. Já o grupo de 6 professores revelaram possuir e quantificar seus acervos pessoais.

A quantidade de livros para cada professor varia em torno de 32 a 500 livros, sendo que não é possível definir a quantidade de livros por professor. Estes dados demonstram a expressiva quantidade de professores que não sabem quantos livros possuem em seu acervo pessoal. Na próxima tabela as informações são contrastadas, tendo em vista que os pesquisados revelam se adquirem livros e com que frequência.

TABELA 17: Costuma comprar livros? Com que critério de Frequência?

PROF.	QUANTIDADE DE LIVROS
P1	“Sim, para minha formação, trabalho, da minha religião.”
P2	“Sim, 4 ou 5 livros por ano, geralmente por indicação”.
P3	“Sim, ultimamente para ajuda, auxílio em minha aula”.
P4	“Sim, sempre que necessário para minha profissão”.
P5	“Não, apenas quando é exigido na minha formação”
P6	“Sim, lançamentos semestralmente”.
P7	“Não respondeu”.
P8	“Sim, quando me desperta o interesse por tal livro”. “Compro livros sempre”
P9	“Sim, freqüentemente para manter-me atualizado”.
P10	“Sim, a cada dois meses”
P11	“Sim, pelo menos de dois em dois meses”.
P12	“Casualmente”
P13	“Sim, para formação, necessidade de trabalho e lazer”
P14	“Trimestralmente”.
P15	“Sim, uns 2 por ano”.

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Treze pesquisados afirmaram que compram livros, um professor revelou que não costuma comprar, somente quando necessário e apenas um não respondeu.

Dos treze professores que disseram sim, que costumam comprar livros, apenas 7 revelaram a periodicidade com que compram. A freqüência varia de “freqüentemente” até “semestralmente”. Estes dados estão relacionados com a próxima tabela que apresenta informações sobre a possibilidade financeira de compra dos livros pelos pesquisados.

TABELA 18: A faixa/condição salarial permite a aquisição de livros na quantidade ideal para as suas necessidades anuais?

PROF.	QUANTIDADE DE LIVROS
P1	"Sim".
P2	"Nem sempre é possível comprar os livros que quero e necessito".
P3	"Sim".
P4	"Sim".
P5	"Não, por isso baixo livros condensados, resumos de internet".
P6	"Sim".
P7	"Não respondeu".
P8	"Não".
P9	"Sim".
P10	"Não".
P11	"Não".
P12	"Sim".
P13	"Não".
P14	"Sim".
P15	"Sim".

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Sobre a pergunta que investiga se o salário do professor possibilita a compra de livros na quantidade adequada, oito professores disseram que sim, que é possível comprar, seis disseram que não, e apenas um não respondeu a questão.

Estes dados são reveladores, pois na tabela anterior ao serem questionados se costumam comprar livros, treze pesquisados afirmaram comprar e precisaram até mesmo o período com que realizam estas compras.

Quando é questionada a condição financeira para compra de livros, seis professores disseram que não é possível a aquisição dos livros, pois sua condição financeira não permite, caindo para metade os professores que afirmavam anteriormente comprar livros. Fica então a dúvida se os professores realmente compram livros conforme afirmaram, ou por força de expressão responderam por

conveniência da pesquisa sim, mas na realidade não é possível adquirir livros com o salário que dispõem.

Sobre os tipos de livros adquiridos, os mais citados são os seguintes:

TABELA 19: Costuma Comprar Livros.

TIPOS DE LIVROS	PROFESSORES
Literários	1,2,6,8,9,10,11,13,14,15
Teóricos/técnicos	1,2,3,4,6,9,10,11,13,14,15
Entretenimento	-
Auto-ajuda/esotéricos/religiosos	1,5,8,12
Não compra livros	-
Não respondeu	7

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Dez professores responderam comprar livros literários, assim como alguns compram tanto literários quanto Teóricos/Técnicos (foram 11 professores neste último segmento). Nenhum professor referiu comprar livros de entretenimento e nenhum assinalou “não comprar livros”. E apenas o P7 não respondeu a questão.

Mesmo quando alguns pesquisados afirmam não adquirir livros, os dados desta tabela comprovam que quando o fazem procuram sempre adquirir livros que possam trazer conhecimento teórico e prático sobre a disciplina de Língua Portuguesa e Literatura.

Os livros literários são apontados por dez professores, e os livros teóricos/técnicos são citados por 11 professores, confirmando dados anteriores que demonstram o interesse constante dos professores em atualizar-se. Mais que dez professores compram livros tanto literários quanto os teóricos/técnicos.

Sobre os locais em que conseguem os livros que leem, os professores assim revelaram:

TABELA 20: Onde consegue/Adquire os livros que Lê?

PROF.	RESPOSTAS
P1	“Compro pego emprestado de amigos, na escolas em que trabalho, etc”
P2	“Em livrarias”
P3	“Em livrarias”
P4	“Livrarias e bibliotecas das escolas”
P5	“Em livrarias que fazem doações para docentes”
P6	“Nas livrarias e principalmente aqueles enviados pelo MEC”
P7	“Não respondeu”
P8	“Compro na internet, livraria saraiva”
P9	“Na livraria local”
P10	“Na internet, livrarias e sebos”
P11	“Através da Internet ou nas poucas livrarias locais”
P12	“Na internet e revista Avon”.
P13	“Na livraria, na banca de revista, na Avon, na natura”.
P14	“Na biblioteca pública”
P15	“Eu compro ou pego emprestado nas bibliotecas”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Sobre a questão que investiga onde os professores conseguem os livros que leem, dez professores afirmaram comprar em livrarias e sebos, quatro afirmaram comprar pela internet e quatro afirmaram que além de comprar, pegam emprestado na biblioteca.

Um fator curioso e que chama a atenção é a resposta dada pelo P12 que ressalta adquirir os livros que compra na revista de Cosméticos e variedades, isso mostra vários indicadores que merecem atenção. Quando o professor afirma que costuma comprar livros em revistas que são destinadas ao público consumidor de cosméticos, isso demonstra a necessidade real de comprar de material pedagógico que esteja ao seu alcance.

Outro fator preponderante é justamente o mercado de livros disponível da cidade, que é extremamente escasso, o que torna difícil ao professor encontrar títulos considerados importantes para seu aperfeiçoamento profissional e para utilização em sala de aula.

Apesar das dificuldades na compra de livros, os professores procuram de alguma forma, atualizar seus acervos pessoais. Mesmo quando revelam que seu salário não é suficiente para aquisição de livros, catorze professores citaram as livrarias, revistas, internet e sebos como locais de compra e apenas quatro professores utilizam a biblioteca para empréstimo. Em relação aos livros para utilização em sala de aula, vejamos:

TABELA 21: Onde consegue/Adquire os livros que utiliza em suas Aulas?

PROF.	RESPOSTAS
P1	Nas editoras que distribuem no início do ano (quase todos os anos)
P2	Nas livrarias ou bibliotecas.
P3	Comprando (alunos).
P4	Representantes de editoras.
P5	Na própria escola ou através das doações da editora.
P6	Nas livrarias e os enviados pelo MEC.
P7	Não respondeu.
P8	Nas editoras que distribuem, mas compro e pego na biblioteca da escola.
P9	Compro na livraria local ou através da internet.
P10	Na escola, internet, livrarias, sebos, etc.
P11	Através da internet.
P12	Na escola ou na Biblioteca.
P13	Na Escola.
P14	Doações das Editoras.
P15	Eu compro ou utilizo os da Biblioteca da escola.

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

A questão que investiga onde os professores conseguem os livros que utilizam nas aulas, as respostas foram bem equilibradas. Cinco professores citaram

pegar em distribuidoras das editoras nacionais, seis citaram comprar em livrarias e internet e sete revelaram pegar emprestado na escola.

Os professores procuram utilizar os livros de literatura disponíveis no acervo da biblioteca escolar, outra parte procura adquirir os livros que possivelmente não estejam disponíveis na escola.

TABELA 22:Há Bibliotecas Públicas na sua Cidade? Quais São?

PROF.	RESPOSTAS
P1	“Sim, na Praça Germano Augusto e Palácio da Cultura”
P2	“Sim”.
P3	“Que eu conheço é no Palácio da Cultura e nas Universidades”
P4	“Sim, conheço somente duas”
P5	“Sim, Biblioteca Pública e das Universidades -Particulares, Federal, Estadual”
P6	“Sim, Palácio da Cultura, SESC, Prefeitura, UFRR, IFRR”
P7	“Não respondeu”
P8	“Sim, Palácio da Cultura, SESC, etc”
P9	“Sim, Biblioteca Pública”
P10	“Sim, não conheço todas”.
P11	“Sim, a biblioteca do SESI e do Palácio da Cultura”
P12	“Sim”.
P13	“Sim, a do SESC, Palácio da Cultura, da Prefeitura”
P14	“UFRR, SESC, SECD-RR”
P15	‘Sim a do Palácio da Cultura’.

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Quanto à existência de Bibliotecas públicas no município, os professores responderam que, “sim”, e as mais citadas foram: Palácio da Cultura (oito vezes), SESC e SESI (cinco), das Universidades (quatro), Prefeitura (duas), Praça Germano Augusto (uma), três professores afirmaram que sim, que a cidade possui, mas não souberam precisar o nome das bibliotecas.

Sobre o costume de visitar as bibliotecas, os professores revelam se utilizam para fins pessoais ou fins profissionais, e citam em que ocasiões realizam estas visitas.

TABELA 23: Costuma frequentá-las? Para fins pessoais ou profissionais? Em que ocasiões/situações?

PROF.	RESPOSTAS
P1	“Não, quando preciso compro ou peço emprestado de um amigo, alguém que tenha”
P2	“Sim, para fins profissionais”
P3	“Às vezes quando há disponibilidade de tempo”
P4	“Pessoais e profissionais também”.
P5	“Costumo estudar e emprestar para situações profissionais”
P6	“Sim, sempre que necessito”
P7	“Não respondeu”
P8	“Não”
P9	“Não”
P10	“Não”
P11	“Não muito, pois falta-me tempo, Costumo visitá-las quando preciso fazer alguma pesquisa e não disponho de material”
P12	“Raramente”
P13	“Somente quando absolutamente necessário”
P14	“Raramente”
P15	“Não”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Quanto à utilização destas bibliotecas pelos professores, apenas seis afirmaram que utilizam tanto para fins pessoais como profissionais sete responderam que não, dois responderam raramente e um não respondeu a questão.

Estes dados informam o hábito dos professores de Língua Portuguesa e Literatura em visitar as bibliotecas disponíveis na capital Boa Vista. Surpreendentemente sete professores afirmaram que não utilizam as bibliotecas. Ao cruzar os dados com a tabela anterior, todos afirmaram conhecer as bibliotecas, mas

os dados demonstram que não costumam utilizá-las, apenas seis professores utilizam as bibliotecas para empréstimo de livros, tanto para suas atividades pessoais, como para atividades profissionais.

Sobre a biblioteca escolar os professores revelam que todas as escolas possuem bibliotecas, vejamos as condições de uso:

TABELA 24: Quanto a Biblioteca da Escola

PROF.	HÁ BIBLIOTECA NA ESCOLA	COSTUMA FREQUENTAR	INCENTIVA SEUS ALUNOS A FREQUENTAR	POSSUI ACERVO ADEQUADO
P1	“Sim”	“Sim”	“Sim, para que leiam os livros dos períodos literários que estão estudando”	“Não o ideal, mas possui um acervo bom”
P2	“Sim”	“sim”	Sim, para pesquisa ou leitura por prazer (entretenimento) ”	“Mais ou menos”
P3	“Sim”	“Sim e por prazer”	“Sim com a finalidade deles realizarem trabalhos na sala”	“Mais ou menos”
P4	“Sim, porém precária”	“Não muito”	“Sim, pra pesquisa”	“Bem restrito”
P5	“Há”	“Sim, para escolher livros pra pesquisa”	“Incentivo pra pesquisa de trabalhos”	“Não, o que eu mais preciso ela não tem”
P6	“Sim”	“sim”	“Sim, principalmente para desenvolver fal, leitura e escrita”	“Não”
P7	“Não respondeu”			
P8	“Sim”	“não”	“Não, pois os livros já são ultrapassados”	“Não”
P9	“Sim”	“sim”	“Raramente, pesquisa bibliográfica”	“Não”
P10	“Sim”	“Sim, levo os alunos para lá, estudo as aulas e etc. ”	Sim, pesquisas, análise de obras, projetos, etc. ”	“Alguns sim, outros não”
P11	“Sim”	“Visito-a frequentemente, não só pra saber se há algo novo no acervo, mas para fazer empréstimos”	“Sim, quando eles se identificam com algum texto, costumo dizer-lhes que as obras daquele autor temos na biblioteca. ”	“Não”
P12	“Sim”	“sim”	“Sim, com a finalidade de adquirir conhecimento e como forma de entretenimento”	“não”
P13	“Não, pelo menos não o que convencionalmente chamamos de Biblioteca”	“não”	“não”	“não”
P14	“Sim”	“sim”	“Sim, para pesquisa”	“Relativamente”
P15	“Sim”	“sim”	“Sim, para pesquisar conteúdos e escolher paradidáticos”.	“não”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012

Todas as escolas participantes possuem bibliotecas escolares, apenas um professor não respondeu a questão e um “ressaltou que não considera uma biblioteca escolar” a que está disponível em sua escola. Onze professores revelam que costumam visitar as bibliotecas, mas 2 deles disseram não visitar, um deles é o participante que não considera como o padrão de biblioteca a que sua escola possui. Outro professor justifica não utilizar a biblioteca de sua escola, por considerar os livros disponíveis, ultrapassados.

Outros três professores assíduos nas Bibliotecas afirmaram utilizá-las como forma de conhecer as obras disponíveis para empréstimo e utilizar em suas aulas, assim como indicar livros para seus alunos

Uma questão diretamente ligada aos livros foi relacionada à biblioteca pessoal do professor, nove professores não souberam precisar a quantidade de livros que dispõem em casa, responderam de forma evasiva, afirmando apenas que sim, ou que possuem muitos, sem precisar quantos. Cinco deles disseram o quantitativo disponível em casa, e um deles afirmou possuir 500 livros em seu acervo.

Na questão relacionada à compra de livros, todos foram categóricos em responder que sim costumam comprar mensalmente livros, afirmando que procuram manter-se atualizados e procuram lançamentos para auxiliar suas aulas. Mas o curioso é que nas respostas relacionadas à condição salarial para compra desses livros, a metade dos pesquisados disseram que seus salários não permitem a compra dos livros, deixando uma dúvida em relação à tabela 17, se há a compra dos livros como afirmam, ou responderam de forma a demonstrar seu interesse em se manter atualizado.

Alguns professores discorreram em seus questionários que procuram visitar as bibliotecas escolares visando conhecer as obras disponíveis para utilização em suas aulas.

Quanto ao padrão de qualidade das bibliotecas escolares, oito professores foram categóricos em dizer que não são adequadas. Apenas quatro professores afirmaram que as bibliotecas em suas escolas possuem um acervo considerado razoável. Isto demonstra a insatisfação dos professores com o acervo disponível para trabalho, e preocupa quando revelam ter um salário que não permite a compra de obras literárias, que não costumam visitar as bibliotecas disponíveis na capital e

poucos professores têm a preocupação em verificar o acervo das escolas para utilizar e indicar aos seus alunos.

Este fato vai, de alguma forma, colaborar para o fracasso do ensino de Literatura, já que uma Biblioteca bem aparelhada é um dos requisitos essenciais para tornar o ensino de Literatura viável e com qualidade. Na próxima tabela é possível perceber as preferências dos alunos quanto a leitura, e o papel do professor nesse processo é crucial, tendo em vista que é o professor um dos, se não o maior incentivador do hábito de leitura.

4.4 O aluno na visão do Professor

Estes dados revelam o olhar do professor em relação aos hábitos de leitura dos alunos.

TABELA 25:Sobre o gosto pela Leitura dos Alunos

PROF.	SEUS ALUNOS GOSTAM DE LER	COSTUMAM LER O QUE RECOMENDA	COMO FAZ PARA QUE ELES LEIAM O TEXTO RECOMENDADO
P1	"A maioria não"	"Somente alguns"	"O único estímulo que funciona é a pontuação"
P2	"A maioria diz que sim"	"Sim"	"Divulgo, indico vantagens, trago resultado de pesquisa sobre leitura"
P3	"Não muito"	"Ainda não tive tempo hábil para."	"Textos que chamem a atenção deles"
P4	"Não"	"não"	"Faço leitura compartilhada"
P5	"Alguns gostam, varia muito do que é pedido para ler"	"Fazem com muita atenção, pois a maioria vale ponto"	"A pontuação"
P6	"Não"	"Por obrigação sim"	"A necessidade de usar de forma mais adequada, a língua falada e a escrita."
P7	Não respondeu		
P8	"Não"	"Às vezes"	"Leitura de texto para interpretação como forma de avaliação"
P9	"Pouquíssimos"	"Raramente"	"Atribuo nota na interpretação"
P10	"Alguns sim, outros não"	"Sim, na maioria das vezes"	"Falo um pouco sobre eles, passo questões relacionadas, gincanas, etc"
P11	"Falta-lhes o hábito"	"Sim, pois na maioria das vezes a leitura é feita em sala"	"Procuro utilizar contos, que são mais curtos, e também poemas."
P12	"80%"	As vezes"	"O leitor do dia e mensagens otimistas e reflexivas"
P13	"Sim"	"Sim"	"A nota"
P14	"Não"	"Poucos"	"Comentário da sinops"
P15	"Não"	"Alguns sim"	"Conto um pouco da história enfatizando alguns trechos"

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Ao serem questionados sobre o gosto de seus alunos pela leitura, de 15 educadores entrevistados 10 disseram que seus alunos “não gostam de ler” e apenas um disse “sim”, e os outros quatro afirmaram que “alguns sim, e outros não”, conforme mostra a Tabela acima.

A estratégia utilizada pelo único professor (P13) que afirmou que “sim”, seus alunos gostam de ler, ao ser questionado sobre que tipo de estratégia ele utiliza para que os alunos leiam o texto recomendado, o professor respondeu que usa “a nota” como forma de estímulo. Grande parte dos pesquisados também utilizam a nota como incentivo, demonstrando que os jovens não gostam de ler, e só o fazem quando recebem algo em troca, ou seja, nota.

A última coluna da referida tabela, apresenta dados que demonstram as iniciativas dos professores para estimular seus alunos a lerem. Quatro professores afirmam que o único estímulo é atribuir nota para os alunos que realizam as leituras. Três professores fazem comentários apresentando as vantagens de ler a obra indicada, realizam gincanas para estimular a participação dos alunos, levam pesquisas falando sobre a obra.

Dois professores procuram trabalhar com seus alunos obras que chamem sua atenção, que possuam textos mais curtos como contos e poemas. Outros dois realizam a prática de leitura compartilhada em que todos devem realizar as leituras além do próprio professor. Os professores diversificam alternativas para estimular seus alunos a realizarem as leituras literárias. Na sequência vejamos as técnicas alternativas que os professores utilizam para ensinar Literatura.

4.5 Métodos de trabalho do Professor

TABELA 26: Você utiliza algum tipo de Técnica/Metodologia alternativa no Ensino de Literatura? Qual? (Descreva-a por favor).

PROF.	TÉCNICA OU METODOLOGIA ALTERNATIVA
P1	“Não, apenas lemos as obras e debatemos em sala. A apresentação das obras pelos alunos é bem interessante”
P2	“Indico filmes e outras manifestações de arte, sempre uso a intertextualidade, traço paralelos com a atualidade”
P3	“Ainda estou muito no início, portanto montando estratégias e metodologias”
P4	“Expositivo”
P5	“Na área de literatura, peço que eles leiam o capítulo e interpretem”
P6	“Sim, teatro, dança e música”
P7	Não respondeu
P8	“Tele-aulas, vídeo, filmes, etc.”
P9	“Produção de texto, confecção de livro, contos, por exemplo. Contos sobre a realidade do dia-a-dia deles”
P10	“Sim, peças teatrais, jogos lógicos, de perguntas e respostas”
P11	“Não é nada novo, gosto de ouvir meus alunos lendo em voz alta e sempre há os que se dispõem e outros tomando coragem, dou paradas para questionamentos ou comentários, acerca de uma personagem ou situação apresentada”
P12	“Solicito que os alunos os alunos tragam revistas variadas, jornais, mensagens para ler em sala, e fazer comentários”
P13	“Sim, análise de textos literários em dupla, prova, filme sobre a obra, seminários, etc”
P14	“Não”
P15	“Dramatizações”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Um fator positivo apresentado foi que sete professores pesquisados procuram alternativas diferenciadas para trabalhar os textos literários, envolvendo principalmente as diversas manifestações de arte como filmes, dramatizações, diálogos interpretativos, e o que é semelhante em todos estes professores, é a procura em traçar um paralelo das obras com a realidade atual dos jovens, buscando melhorar a compreensão das obras, e apenas um pesquisado não respondeu a questão.

O P3 demonstra estar a pouco tempo na escola, em sua resposta ela ressalta que ainda não tinha apresentado um tempo hábil para desenvolver um planejamento com suas turmas. Apenas dois professores revelaram utilizar apenas método expositivo, os demais procuram sempre realizar atividades de leitura e interpretação, produção de livros de contos com o dia-a-dia deles como enredo, seminários sobre as obras, e principalmente dramatizações, os alunos vivenciando as histórias literárias.

Vejamos como estes professores desenvolvem a leitura de textos mais extensos:

TABELA 27: Como você propõe a Leitura de Textos mais extensos (Romances, Novelas, Épicos e Peças Teatrais).

ALTERNATIVAS	PROFESSORES
Na íntegra, trabalhando também textos da fortuna crítica	01, 03, 04, 05
Na íntegra, sem trabalhar textos da fortuna crítica	11, 14
Versões condensadas, relacionando com textos críticos	06, 09, 10, 12, 15
Versões condensadas, sem textos críticos	08
Resumos/excertos de livros didáticos/internet, relacionando com textos críticos	02, 05, 10, 13, 15
Resumos/excertos de livros didáticos/internet, sem relacioná-los com os textos da fortuna crítica	12,
Não trabalha com textos mais extensos	–
Não respondeu	1

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Quando questionados sobre a leitura de textos mais extensos como romances, novelas, épicos e peças teatrais (Tabela 27), os professores revelam como propõem estes estudos; cinco deles discorreram revelando que utilizam versões condensadas das obras, relacionando-as com texto críticos; outros cinco professores afirmam utilizar resumos/excertos de livros didáticos/internet relacionando-os com textos críticos, e apenas quatro professores revelam trabalhar com os textos na íntegra, trabalhando também com os textos da fortuna crítica.

Realizando um recorte em dois professores (P11 e P14) que responderam utilizar os textos na íntegra, traçando um paralelo com os dados sobre como trabalham estas obras, chama atenção o fato de que ambos relataram não utilizar nenhuma alternativa metodológica diferenciada com os alunos, que fazem a leitura da obra e debatem em sala, e utilizam os livros didáticos da escola apenas como uma forma auxiliar de leitura, além de não terem preferências específicas por determinados períodos literários.

Desde a formação da disciplina Literatura verificamos essa forte influência do ensino tradicional, o que temos hoje sendo aplicado por alguns professores nas aulas é muito parecido com o que se trabalhava no período que esta disciplina estava sendo inserida nos currículos das escolas: apenas leituras, periodização das escolas e historiografia literária.

4.6 O olhar do Professor sobre o Livro Didático

TABELA 28: Sobre a utilização do livro Didático

PROF.	VOCÊ UTILIZA LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE LITERATURA?	QUE AVALIAÇÃO VOCE FAZ DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE LITERATURA?
P1	"Para a teoria de cada período"	"Não respondeu"
P2	"Sim, apenas para apresentação dos movimento literários e resolução de alguns exercícios"	"Razoável"
P3	"Sim, os que a escola disponibiliza"	"Ótimo"
P4	"Sim, leitura e análise de textos"	"Razoável"
P5	"Trabalho tirando Xerox, e explicando o resumo da obra"	"Bom"
P6	"Sim, leitura coletiva e debate a cerca do temas dos textos lidos"	"Razoável"
P7	Não respondeu	
P8	"Não, uso apostilas e Xerox de textos"	"Razoável"
P9	"Não respondeu"	"Razoável"
P10	"Sim, usando trechos presentes nele"	"Bom"
P11	"Sim, como material auxiliar, como fonte de consulta dos alunos ou para introdução do assunto;"	"Razoável"
P12	"Sim, em sala de aula e para pesquisa em casa"	"Razoável"

P13	“Sim, estudo, debate, exercícios e estudo dirigido	“Razoável”
P14	“Exposição	“Bom”
P15	“Sim para pesquisa	“Razoável”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

A próxima tabela demonstra sobre as preferências dos professores sobre algum período literário:

TABELA 29: Tem preferência por trabalhar alguma época/período Literário em Sala de aula? Qual?

PROF.	PERÍODO LITERÁRIO
P1	Não
P2	Romantismo, Realismo, Pré-modernismo, literatura contemporânea.
P3	Não
P4	É importante apresentar todas as escolas e suas características
P5	Não, todos são importantes para que compreendam a evolução da literatura
P6	Não
P7	Não respondeu
P8	O Romantismo
P9	Não
P10	Sim, o Modernismo
P11	Não, eu apenas trabalho os trechos dos romances dos autores que os livros didáticos apresentam. Quando abordo a prosa no romantismo, costumo levar aos meus alunos os contos de Alvares de Azevedo e deixo um tempinho para as peças de Martins Pena. Creio que essas leituras os atraem mais.
P12	Não
P13	Sim, Modernismo
P14	Não
P15	Romantismo e Realismo

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Sobre a utilização dos livros didáticos de acordo com argumentação de Rildo Cosson (2006, pg. 22), “nas aulas no Ensino Fundamental, predominam as interpretações de textos trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, assim como nas aulas no Ensino Médio”, a Literatura se resume em seguir o programa do livro didático, aulas informativas sobre os autores, as principais características das escolas e obras, e com raras oportunidades de leitura de um texto integral e, quando isso acontece, há preferência pelo resumo ou debate.

Um fator importante a ser observado, e que aparenta estar em consonância com a argumentação de Cosson é justamente a forma como é utilizado o livro didático. Conforme a Tabela 28, de 15 professores pesquisados, em sua grande maioria, a utilização do livro é feita de maneira que se apresentem os períodos literários, resumos da obras, debates acerca do tema. P1 demonstra: “para a teoria de cada período”; P2: “sim, apenas para apresentação dos movimentos literários”; P6: “sim, para leitura coletiva e debate acerca dos temas dos textos lidos”.

Outros dois professores utilizam os livros didáticos em forma de apostilas, utilizam partes de diversos livros como forma de retirar o que há de mais interessante nos livros e montar em uma única apostila. Vejamos o que dizem os professores: P5: “Trabalho tirando Xerox, e aplicando o resumo da obra”; P8: “não, uso apostilas e Xerox de textos”.

Geralmente as obras trabalhadas são escolhidas pelos professores, ou impostas pela grade curricular das escolas, o fator positivo é que em sua maioria são escolhidos os autores pertencentes ao cânone da Literatura Brasileira.

Outra proposta de trabalho é leitura e debate, atividades de pesquisa para casa, ou solicitar que os alunos leiam em voz alta para verificar o nível de leitura da turma.

Oito professores consideraram os livros didáticos razoáveis; três, bons livros e um disse ser um ótimo livro para trabalhar, demonstrando que os professores consideram os livros razoáveis e que, por isso, muitos deles procuram utilizar Xerox como alternativa para melhorar o material que utilizam em suas aulas, pois assim é possível retirar o que há de melhor em cada livro.

Dos professores pesquisados, oito disseram não ter preferência por um período específico, um prefere apenas Romantismo, Realismo, Pré-modernismo, Literatura Contemporânea; dois professores preferem o Modernismo; dois preferem

o Romantismo, e dois afirmam trabalhar com todas as escolas, uma vez que todas são importantes.

4.7 Propostas e desejos dos Professores para Ensinar Literatura

Esta tabela apresenta as propostas dos professores para melhorias do Ensino de Literatura em suas escolas.

Tabela 30 – As propostas dos professores para melhoria do Ensino de Literatura

PROF.	PROPOSTAS
P1	“Que tenha um professor específico para literatura, que haja material suficiente para o trabalho e um auditório”
P2	“Não sugeriu”
P3	“É de suma importância o estímulo ao aluno em relação a literatura”
P4	“Material adequado e claro”
P5	“Uma sala de uso exclusiva para data-show”
P6	“Equipar melhor a biblioteca com um acervo mais atual”
P7	“Não sugeriu”
P8	“Melhorias no acervo da biblioteca”
P9	“Na produção de texto, fazer sempre um paralelo entre passado, presente e futuro, juntamente com a história”
P10	“Mais recursos tecnológicos como computadores, data-show, etc”
P11	“Acho que a carga horária de Língua Portuguesa é pouca, são apenas três aulas semanais, sugiro aumentar o número de aulas da disciplina”
P12	“Sugiro a leitura de livros coletivamente para dramatizar em sala datas importantes comemoradas na escola”
P13	“Que seja obrigatório adotar uma obra por bimestre para que se possa inventar, apostar em outras metodologias, estratégias e fazê-los ler, interpretar e escrever com o apoio da leitura”
P14	“Atividades de leitura coletiva, por parte do corpo docente da escola”
P15	“Falar sobre cada período com entusiasmo, comparando com a realidade dos alunos”

FONTE: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia – CNPQ 2010/2012.

Foram muitas sugestões apresentadas pelos professores, mostrando que eles têm, de alguma maneira, consciência de como deveria acontecer o ensino de Literatura. Um dos pontos apresentados foi justamente em relação aos materiais necessários para a prática do ensino de literatura, o primordial está relacionado às

obras literárias, atualização dos acervos das bibliotecas escolares, pois a grande queixa dos professores foi o acervo inadequado das escolas.

A definição de um professor para a disciplina Língua Portuguesa e outro específico para a disciplina de Literatura, pois o que ocorre nas escolas é apenas um professor para lecionar tanto Língua Portuguesa quanto Literatura, na mesma carga horária, o que dificulta o desenvolvimento de uma ou de outra, sempre se deixa um tempo maior na disciplina destinado aos conteúdos de Língua Portuguesa, ficando os conteúdos de Literatura em segundo plano.

O aumento na carga horária da disciplina também é uma sugestão, pois a grade curricular da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura é extremamente extensa e demandaria um tempo maior para o desenvolvimento de todos os conteúdos.

Recursos tecnológicos e um ambiente adequado como auditório ou sala temática para as aulas também é uma das propostas sugeridas pelos professores, pois desta forma é possível utilizar outras artes como cinema, teatro, dramatizações como recursos extras para o desenvolvimento da disciplina.

Atividades dinâmicas e participativas como leituras coletivas, dramatizações, procurando de maneira diversificada aproximar o aluno às obras literárias e os tornando personagens nas atividades práticas. Inserir atividades de produção textual como complementação destes trabalhos, buscando sempre fazer uma relação entre o passado, presente e o futuro, facilitando desta forma a compreensão textual dos alunos constitui-se como outra proposta.

Outra sugestão é adotar pelo menos uma obra por bimestre, pois assim os alunos poderão ter o conhecimento mínimo de quatro obras por ano. Além disso, apostar em práticas de produção textual interpretativas, com apoio nas obras originais lidas pelos alunos.

Concordo com os pesquisados quanto às sugestões apresentadas, pois, são os professores que estão todos os dias nas salas de aulas. As aspirações e desejos são frutos das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da escola, o acompanhamento ao aluno fica dificultado sem os recursos primordiais para proporcionar um ensino de Literatura de qualidade. Mesmo ciente de seu papel como incentivador, estimulador da leitura literária, sem o apoio que requer o profissional da Letras, não será possível transformar a realidade vivenciada hoje pelos jovens leitores.

As sugestões são viáveis, mas uma mudança no Referencial Curricular da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura precisa começar a ser discutida com urgência. A divisão oficial da disciplina tornaria a carga horária mais justa e facilitaria o desenvolvimento de aulas de Literatura, tendo em vista, que o tempo disponível para disciplina seria maior. Cabe aos responsáveis por discutir a legislação educacional no nível da esfera estadual, iniciar este debate com todos os colegiados envolvidos.

CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa demandou muito esforço para sua conclusão, tendo em vista a localização geográfica das escolas, as distâncias percorridas foram exaustivas. A realização de pesquisa com professores é extremamente difícil, pois, geralmente são profissionais que trabalham em duas ou até três escolas, o que torna seu tempo reduzido.

O questionário foi bem completo, mas muito extenso, o que causou inicialmente recusa de alguns professores, mas com alguns minutos de conversa foi possível convencê-los da importância de suas respostas. O grupo pesquisado foi bastante significativo, pois foi possível trabalhar com dados da maioria das escolas, de 21, apenas 6 não foram pesquisadas, o que se constitui uma amostra bastante representativa.

Um fator bastante positivo na realidade das salas de aula de Ensino Médio é, sem dúvida, saber que de todos os pesquisados, apenas um não é formado em Letras. Todos os professores que atuam na disciplina Língua Portuguesa e Literatura são formados na área em que atuam, um fator positivo tendo em vista a preocupação da Secretaria Estadual de Educação em lotar nas escolas professores com formação em áreas específicas.

Outro fator importante é o tempo de atuação na disciplina que lecionam, os professores possuem um tempo razoável de experiência na referida disciplina, o que torna mais fácil o desenvolvimento da aula, um professor experiente é um facilitador do ensino de Literatura, já que é necessária formação teórica e prática para um bom desempenho do professor.

O que chamou bastante atenção, foi a preocupação do grupo de pesquisados manter-se em contínua formação acadêmica, pois 12 deles são especialistas na área de atuação, o que também apresenta a qualidade da formação que é levada para os alunos das escolas de Ensino Médio.

Como professores atuantes no Ensino de Literatura os menores períodos foram de um, dois, três, quatro anos, e os maiores períodos com tempo de atuação no ensino de Literatura no Ensino Médio foram de cinco, seis, 11, 12, 17, 18 e 20 anos.

Por outro lado, entendo que o tempo de experiência e o tempo de atuação na escola podem resultar numa prática mais consistente de um curso de Literatura.

O professor que possui bastante experiência e que já desenvolve um trabalho com suas turmas por um bom período de tempo, pode tornar seu trabalho mais eficaz e ser capaz de despertar o gosto pela leitura e formar leitores competentes.

Nos dados coletados os professores que estão há mais tempo atuando não perderam hábito de ler diariamente, ou incentivar seus alunos conforme demonstraram as tabelas, isso é positivo. Observando este perfil de professores, percebe-se a parcela significativa de professores com formação teórica na área de ensino de Literatura e isso contribui e muito para a formação de jovens leitores, pois sabemos que a figura do professor experiente é importante para a relação entre as obras e os jovens.

Sobre as preferências literárias, todos os professores foram unânimes em afirmar gostar de leitura, e que procuram realizar leituras quase que diariamente. Mas ao serem questionados sobre sua preferência em lecionar a disciplina Literatura, apenas dois afirmaram preferir lecionar apenas Literatura.

Chamou atenção o fato de todos os professores lecionarem Língua Portuguesa e Literatura conjugadas, tendo em vista que o programa curricular de linguagens e códigos adotado no Estado não prevê essa separação entre as disciplinas. Isso ressalta a preferência do professor por trabalhar mais com a parte gramatical e deixar em segundo plano a Literatura apontada no currículo, justamente por ter um tempo reduzido em que deve trabalhar duas disciplinas em um tempo de uma.

Sobre o tipo de Literatura de sua preferência o romance foi escolhido por boa parte dos professores, seguido de Literatura Informativa e livros de auto-ajuda.

Um dado que chamou a atenção foi relacionado às bibliotecas disponíveis na capital Boa Vista, todos os professores afirmaram conhecer, mas demonstraram pouco interesse em utilizá-las. Já as bibliotecas escolares são mais visitadas, os professores procuram, sempre que possível, verificar o acervo para utilizar as obras em suas aulas e indicá-las aos seus alunos.

As respostas dos professores apontaram uma qualidade razoável das bibliotecas escolares, fator que influencia diretamente na questão de aquisição de obras literárias pelos professores. Como alguns apontaram, os acervos das bibliotecas são considerados ultrapassados, poucos livros podem ser utilizados nas aulas. Este fator influencia diretamente na questão que envolve a aquisição de obras para seus acervos pessoais, mesmo afirmando que seus salários não são

suficientes para compra de livros, os professores procuram, sempre que possível, adquirir livros para subsidiar suas aulas e contribuir para sua formação.

Existe um grande esforço demonstrado pelos professores em melhorar o ensino de Literatura, mesmo as escolas não possuindo um acervo adequado e poucos recursos tecnológicos, os professores tentam dinamizar suas aulas. Utilizam os recursos de que dispõem, procuram desenvolver metodologias diferenciadas, como dramatização, utilização de filmes, tudo que possa contribuir para o ensino.

Realizam leituras acompanhadas de interpretação, isso é importante, pois, os professores que não exploram a Literatura com maior criticidade acabam por abordar a obra na superficialidade, levando seus alunos a trabalharem os textos de forma mecânica, não exploram a fundo toda a subjetividade da obra.

Ao serem questionados sobre os gostos de seus alunos em ler, foi quase uma unanimidade a resposta negativa, mas percebeu-se um grande esforço por parte dos professores em apresentar alternativas que estimulem seus alunos a lerem, nem que para isso utilizem a nota como fator de estímulo. Alguns procuram versões condensadas, outros buscam resumos na internet, mas ainda assim não deixam de trabalhar as leituras literárias.

Quanto ao livro didático, os professores afirmaram utilizá-lo, mas em alguns casos é necessário o uso de fotocópias, adaptando vários livros em busca de enriquecer o material utilizado em suas aulas. Outros usam apenas para apresentar os períodos literários, resumos de obras, e tornam o livro um recurso auxiliar, sem grande valor.

A importância da leitura, para o ensino de literatura é tema de muitas discussões dentro e fora da escola, sabemos de sua importância para a vida das pessoas, é através da leitura que é possível participar de modo mais efetivo das práticas sociais, mas principalmente, a leitura é uma ferramenta de inserção social.

De alguma maneira, percebe-se uma grande preocupação dos professores em proporcionar este ensino de Literatura aos seus alunos. Buscam alternativas para aproximar seus alunos do universo literário, diversificando suas metodologias de trabalho, inserido outras artes como cinema e teatro.

Para Zilberman(2008, pg. 52) “um dos sintomas da crise do ensino de Literatura é a falta de leitura por parte dos estudantes e o desconhecimento do patrimônio literário nacional”. Para aproximar os jovens leitores dos clássicos cobrados no referencial curricular da disciplina é necessário ser exemplo de leitura

para os alunos, o professor deve ler junto, proporcionando o acesso à linguagem de algumas obras que são de difícil compreensão, somente quem estudou e é conhecedor de determinadas linguagens poderá facilitar o entendimento aos seus alunos.

Mas para que isso ocorra, é imprescindível o gosto pela leitura também do professor, ele também tem que sentir prazer ao fazer a leitura, e muitos demonstraram que mesmo após anos de trabalho, não perderam o gosto em realizar leituras. Suas preferências são sempre voltadas para o cânone brasileiro, autor como Machado de Assis foi dos mais citados, mas outras leituras também chamam a atenção, como os professores que citaram gostar de ler livros informativos ou de auto-ajuda.

Finalizando, resalto os desejos dos professores em melhorar o ensino de Literatura. O que eles desejam depende muito das políticas públicas para a educação. Por exemplo, a divisão da disciplina, que um professor trabalhe apenas com literatura e outro apenas com Língua Portuguesa, este fator já tornaria o ensino muito mais organizado e com um tempo de aula justo.

Disponibilização de recursos tecnológicos, como *data show*, um auditório bem aparelhado com recursos sonoros, que proporcionaria a possibilidade de usar as outras artes como cinema, teatro, tudo isso contribuiria para o crescimento da disciplina Literatura.

Que os alunos tivessem acesso no mínimo a uma obra literária por bimestre, desta forma todos teriam acesso a pelo menos quatro obras por ano no Ensino Médio, assim os alunos teriam lido no mínimo 12 obras ao longo dos três anos.

Apesar de tudo o que é vivenciado e proporcionado pelos professores aos seus alunos, a leitura ainda é refém e vítima da extrema didatização escolar, do livro didático e da falta de um trabalho mais específico de formação continuada destes professores.

Ficou explicito nos dados coletados que apesar de todo esforço que o grupo de pesquisados demonstrou, existe um “hiato” entre o que os professores realizam para desenvolver o ensino de literatura e o gosto pela leitura literária dos alunos.

O que pode estar ocasionando este hiato são os diversos fatores que eles próprios apontaram, falta de um acervo adequado das bibliotecas escolares, falta de recursos tecnológicos, carga horária reduzida para compartilhar duas disciplinas como Língua Portuguesa e Literatura juntas, carga horária excessiva de trabalho.

Consequentemente o desinteresse dos jovens em ler é o resultado da somatória de tudo isso.

Os desejos dos professores para melhoria do ensino de Literatura são simples, nada extraordinário. O que os professores querem é o mínimo que se possa oferecer aos jovens leitores. Sem dúvida, estas alternativas citadas por eles melhorariam muito o ensino de Literatura em Boa Vista, com estas pequenas iniciativas seria possível fomentar a leitura literária e formar um público adulto leitor bastante amadurecido. Essas sugestões direcionam-se para os responsáveis pela educação básica em Boa Vista, e assim como os professores fica o meu desejo em contribuir para formação acadêmica dos jovens e colaborar para o desenvolvimento cultural da capital roraimense.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura: a formação do leitor: alternativas metodológicas** / Vera Teixeira de Aguiar / e/ Maria da Glória Bordini. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORDINI, Maria da Glória. **Guia de leituras para alunos de 1º e 2º Graus**. Centro de Pesquisas Literárias. Porto Alegre: PUCRS/Cortez, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Área de Linguagens, Códigos e sua Tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação média e Tecnológica/ MEC, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **O Ensino da Literatura**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006

CRUZ NETO, Otávio. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993: 51-66.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2006.

KOTHE, F. **O Cânone Colonial**. Brasília, DF. Editora da UnB

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____, Marisa. **Do mundo da Leitura para Leitura do Mundo**. São Paulo, Editora Ática, 2002.

_____, Marisa. **Literatura e história da Literatura: Senhoras muito intrigantes**. In: MALLARD, L. (Org): História da Literatura. Ensaios. Campinas, SP. Editora da Unicamp.

_____, Marisa. **O texto não é pretexto**. In Zilberman, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: alternativas do professor**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986.

_____, Marisa. **Usos e abusos da Literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha** / Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LEITE, Ligia Chiappini M. **Invasão da Catedral: literatura e ensino em debate**, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

LINS, Osman. **Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros**. São Paulo: Summus, 1977.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1986.

MARCHI, Maria Diana. **A literatura e o leitor. In: Ler e escrever: compromisso de todas áreas/ org. por Zara Conceição Bitencourt Neves, Jussara Vieira Souza, Neiva Otero Shalfer, Paulo Coimbra Guedes e Renita Kliisener**. 7. Ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2006.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária / Antonio Candido – 8ª ed. – São Paulo**. T. A. Queiroz, 2000.

OLIVEIRA, L. E. M. De. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino do inglês no Brasil (1809-1951)**. Tese de Doutorado em Teoria Literária – IEL, UNICAMP, Campinas, SP.

OLIVEIRA, M. Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petropolis, RJ: Vozes, 2007.

ORLANDI, EniPulcinelli. **O inteligível, o interpretável e o compreensível**. In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro (orgs.) **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. 3 ed. São Paulo: Ática: 1995: 58- 77.

PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE ALUNOS. In: **Educação – Notícias comentadas**. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br>. Acessado em: 09 set 2011.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. In: Instituto Pró-Livro. Disponível em: <http://www.institutoprolivro.org.br>. Acesso em: 24 abr. 2011.

SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

VERGARA, Sylvia Constant. **Relatórios de Pesquisa em Administração/ 8.ed. – SJPAP Paulo, Atlas, 2007**.

YUNES. Eliane. **Pensar a Leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2002.

ANEXOS

ANEXOS - QUESTIONÁRIOS PARA PROFESSORES

Nome: _____

Titulação: () Ensino Médio () graduando () licenciado () bacharel
() especialista () mestre () doutor () outros

Especifique a graduação que fez/está fazendo:

Município que reside:

1. Atua no mesmo município que mora? Em caso negativo, indique o(s) nome(s) do município que atua.
2. Atua na área de sua formação?
3. Tempo geral de regência _____(anos).
4. Em Língua Portuguesa e Literatura? _____ (anos).
5. Escolas em que atuo:

ESCOLA	PERÍODO	SÉRIE	TURMA	TEMPO NA ESCOLA

6. Você gosta de exercer a profissão de professor? (você gosta de ser professor)?
7. Você prefere dar aulas de Língua Portuguesa, de Literatura ou outra disciplina?
8. Você tem o hábito/gosta de ler? Com qual freqüência você lê?
9. De que tipo de leitura você gosta? Qual gênero literário você prefere?
10. Qual o autor de sua preferência?

11. Dentre os autores nacionais, qual o de sua preferência?

12. O que você considera um bom livro?

13. Você lê por prazer ou por obrigação?

14. Você se identifica com textos literários? Quais são eles?

15. O que ou quem o incentiva a ler?

família amigos escola TV igreja formação acadêmica outros
– especifique

16. Possui livros em casa? (em caso afirmativo, quantos, mais ou menos)?

17. Costuma comprar livros? Com que frequência?

18. Sua faixa/condição salarial permite a aquisição de livros na quantidade ideal para as suas necessidades anuais?

19. Costuma comprar mais livros:

literários teórico-técnicos entretenimento auto ajuda/esotéricos/religiosos não compra livros

20. Onde consegue/adquire os livros que lê?

21. Onde consegue/adquire os livros que utiliza nas aulas?

22. Há bibliotecas públicas na sua cidade? Quais são?

23. Costuma freqüentar estas bibliotecas? Para fins pessoais ou profissionais?
Em que ocasiões/situações?

24. Há bibliotecas na escola em que você atua?

25. Costuma freqüentar a biblioteca da escola em que você atua? Profissionalmente?

26. Ela(s) possui (em) acervo adequado?

27. Você incentiva os alunos a utilizarem a biblioteca escolar (caso haja biblioteca na(s) escola (s) em que atua)? Com que fim?

28. Na sua opinião seus alunos gostam de ler?

29. Eles costumam ler os textos que você recomenda?

30. Como você faz para que eles leiam os textos recomendados? Que estímulo você usa?

31. Você utiliza algum tipo de técnica/metodologia alternativa no ensino de literatura? Qual? (descreva-a, por favor)

32. Que sugestões você dá (a partir de sua prática) para a melhora do ensino de literatura na sua e em outras escolas?

33. Como você propõe a leitura de textos mais extensos (romances, novelas, épicos e peças teatrais)?

34. () na íntegra, trabalhando também textos da fortuna crítica

() na íntegra, sem trabalhar textos da fortuna crítica

() versões condensadas, relacionando com textos críticos

() versões condensadas, sem textos críticos

() resumos/excertos de livros didáticos/internet, sem relacioná-los com textos críticos

() não trabalha com textos mais extensos

35. Você utiliza o livro didático no ensino de literatura? De que modo?

36. Que avaliação você faz do uso de livro didático no ensino de literatura?

() ótimo () bom () razoável () ruim justifique sua resposta:

37. Tem preferência por trabalhar alguma época/período literário em sala de aula? Qual?